

a CENA

25º ANO — Nº 1

3 DE JANEIRO DE 1944

MUDA

JANFEBRO 44



Ava Gardner

*Agora,
na Primavera...*



O segredo na elegancia feminina nem sempre se esconde na roupa, em si mesma, porém na maneira de apresentá-la. Vejam com que irrepreensível linha Jean Leslie (à esquerda) e Ida Lupino (em cima) exibem seus trajes leves e despretenciosos. A saia-blusa da primeira, a "blusette" da segunda, ganham realce extraordinário no modo por que as "estrelas" os mostram.

Vamos Começar de novo?

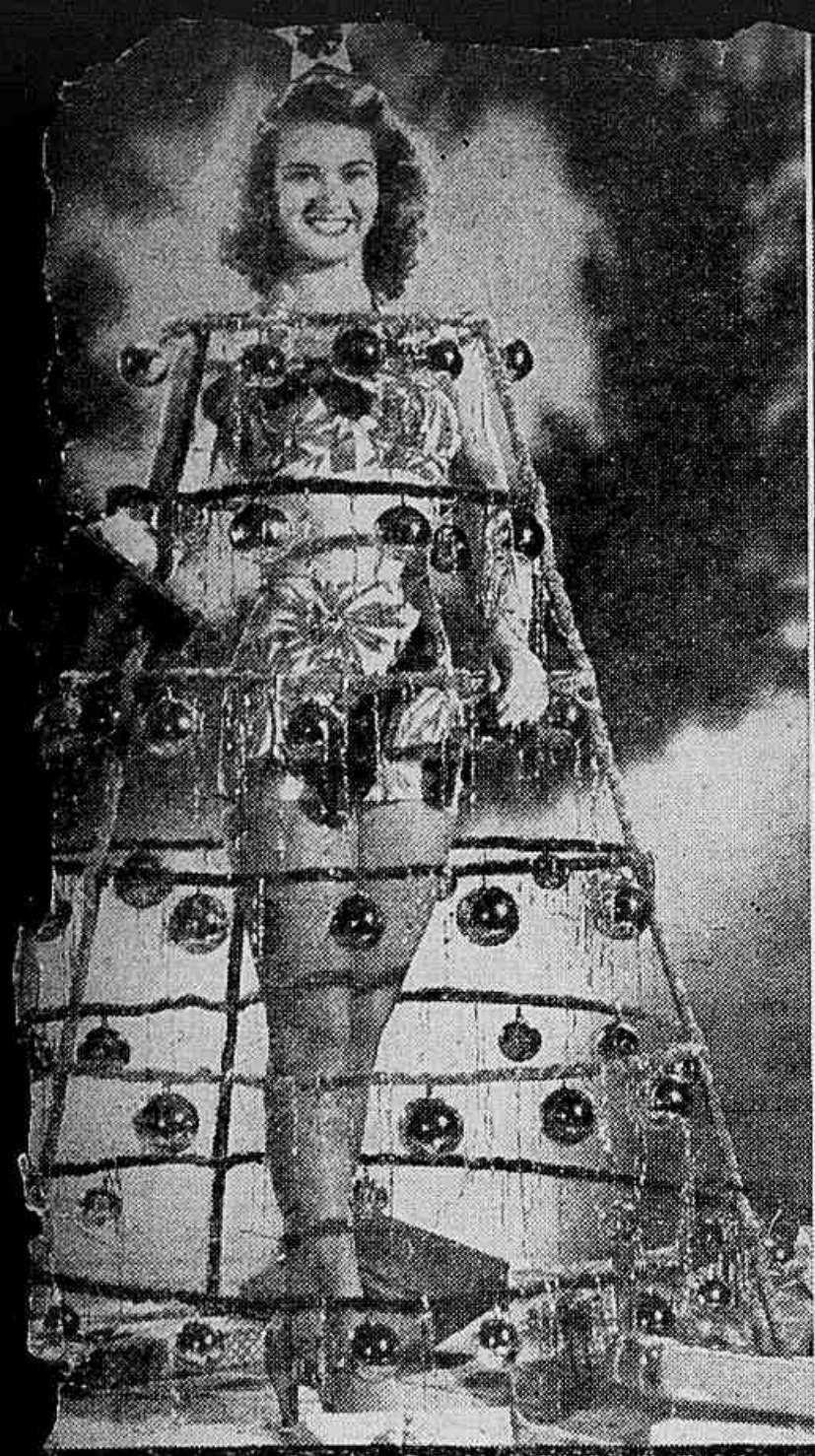
O limiar de um novo ano é sempre um convite amavel a passar a vida a limpo e recomeçar. Mas recomeçar de verdade, corrigindo falhas, retificando senões e traçando diretrizes mais amplas, rasgando horizontes maiores, que devemos percorrer nos doze meses seguintes. Depois, si tudo ainda não deu certo, lá vem outro São Silvestre e será bastante repetir a proeza. Quer dizer: recomeçar ainda uma vez. Ha gente que passa a vida inteira retificando situações e criando outras que nem sempre dão certo. A esperança de uma nova oportunidade é que as faz viver, e quando um dia vêem terminar a jornada, ainda cerram os olhos ansiando por uma nova "chance", no São Silvestre seguinte. Sempre foi assim, sempre assim ha de ser. O convite amavel de cada novo ano, alertando-nos para uma vida nova, apresentando de maneira galante e sugestiva porque o faz Esther Williams, aqui ao lado, faz ainda mais tentadora a perspectiva. Quem sabe si em 44 as coisas não vão melhorar realmente? Quem sabe si seu grande sonho, leitora esperançosa, não vai realizar-se mesmo? E quem sabe si você não vai ter saudades deste Ano Novo que aí está? Porque, afinal, tudo podia ser ainda pior, muito pior...

Depois, si nada disso acontecer, de agora a um ano, passa-se outra vez a vida a limpo — e recomeça-se...

Mas que extraordinário consumo de borracha não será preciso para limpar, apagar e deixar em branco a página da vida de tanta gente! Gente que não se cansa de fazer experiências!

CELESTINO SILVEIRA

A Cena JUBA



Correio Gráfico de Hollywood

Hollywood, Dezembro.

O "Espírito de Chrisma", foi o título dado por Frances Rafferty a essa interessante fantasia com que "desempenhou", nos estudos da Metro, o "papel" de Arvore do Natal. O modelo não é aconselhado para o Carnaval, mas, como fantasia, serve...

Uma caravana foi de Hollywood especialmente ao México para levar as congratulações dos EE. UU. pela contribuição do valoroso país na causa das nações unidas. Vêm-se: Walt Disney, Walter Pidgeon, Heddy Lamarr, Louis B. Mayer e James A. Fitz Patrick embarcando.

Jean Pierre Aumont está definitivamente instalado em Hollywood, com um bom contrato na Metro e uma boa esposa... Já o vemos preparando detalhes de sua residência em Beverly Hills e pregando na parede o retrato de sua estimada. O retrato e o modelo também...

James Craig é na vida real um bom esposo e pai amantíssimo. Ei-lo em companhia da esposa, Mary Ray, dando a primeira lição de piano a James Jr., por apelido "Bub". Só mesmo assim, na vida particular, James Craig esboça um sorriso. Na tela é o tipo do cara fechada..

Edward Arnold resolveu dar duplamente sua contribuição para a causa da Vitória: assinando um donativo razoável para a Cruz Vermelha e dando uma parcela do seu excelente sangue. Na gravura, o conhecido ator fornecendo as necessárias explicações à enfermeira-chefe.

Dois pequenos chineses, exilados da guerra, tomam parte no mais recente filme de Deanna Durbin, "Forever Yours". A "estrela" e o seu galã, Edmond O'Brien, procuram distrair os pequenos e distraem-se também, num intervalo dessa filmagem da nova Universal.





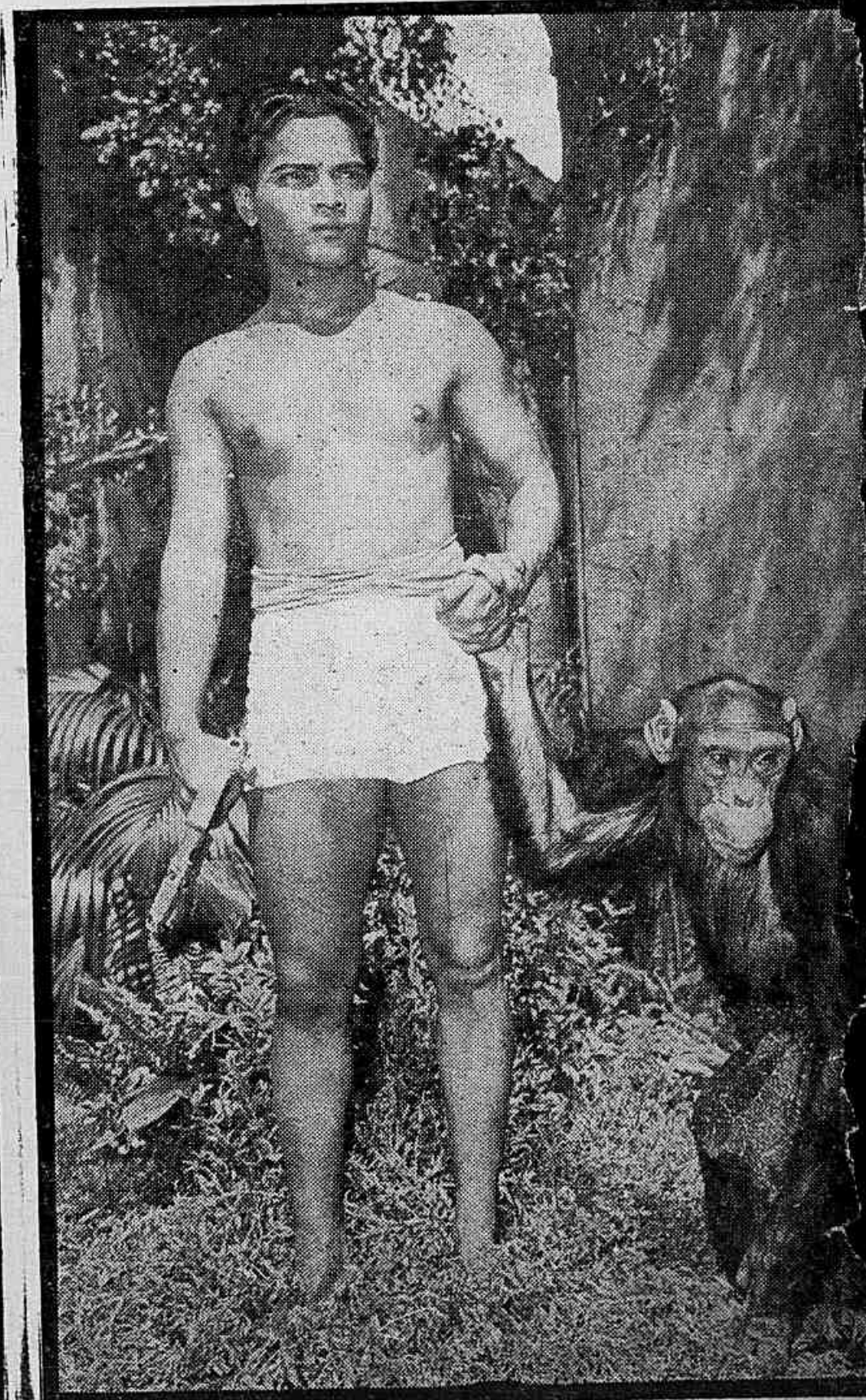
Mickey Rooney procura fazer a mágica do ovo para a pequena Juanita Quigley, sua "partenaire" em "A Yank et Eton", filme onde ainda aparecem Freddie Bartholomew, Edmund Gwenn e Ian Hunter. Mickey faz um pequeno americano estudando numa universidade inglesa.



Que bôa a vida no campo! Lucille Ball está satisfeita, passando as férias no seu rancho de Chatsworth, em companhia do marido, Desi Arnaz. Aliás, o marido está agora convocado pelas Forças Armadas. E a "estrêla" distrai-se com os bichos. Que bôa a vida no campo!

De quando em vêz, a turma dos Peraltas dá um ar de sua graça. Uns vão crescendo e outros tomam o lugar dos primeiros...Estes são quatro atuais interpretes das comédias "Our Gang" mostrando os "astros" de sua predileção. Não tem mau gosto, realmente!

Sabú e a macaquinha que Maria Montez alugou para a Universal, durante as filmagens de "Mulher Satanica". O pequeno ator indiano está ficando em grande forma e não tenham duvida, muito breve será o idolo das maiores, depois de o ter sido da garota...



DA SEMANA

1 - REGULAR :: 2 - BOM :: 3 - MUITO BOM :: 4 - OTIMO

Encontro com o Perigo

(ASSIGNMENT IN BRITANY)

2½

O tema dos sósias que Pirandello apresentou em *O falecido Matias Pascal*, e o cinema tanto tem explorado, desde os filmes silenciosos, reaparece no primeiro trabalho de Pierre Aumont em Hollywood. A primeira vista, parece que o galã de Annabella em *Tripulantes do céu* e *Notel do Norte*, não teve sorte na sua estréia no cinema em inglês, mas com o desenrolar do filme essa impressão desaparece, porque o argumento embora convencional teve bom tratamento. E a gente acaba aceitando a aventura do soldado francês, livre que se faz passar pelo sósia, também francês, porém, colaboracionista, para localizar uma base de submarinos inimiga, porque a narrativa é excelente. Basta dizer que, ao contrario do que temos visto nas historias do genero, o sósia não consegue enganar os parentes e pessoas conhecidas do outro. E o protagonista só consegue cumprir a perigosa missão de que o incumbiram, através de muitas dificuldades. É verdade que aquela fuga de Pierre ajudado pelos patriotas disfarçado em sacerdotes, é muito falsa, e o assalto à base nazista, no final, é mostrada sem grande resistencia dos teutos, ao contrario do que se viu, demonstrando mais yerosimilhança, no filme inglês *Alguem falou*, exibido há pouco tempo, mas a narrativa em conjunto é das melhores, dirigida com inteligencia por Jack Conway. Pierre Aumont vai bem na sua estréia na America. E levando-se em conta a sua caracterização árabe no inicio quase faz três pápeis... Susan Peters está ainda melhor aprovei ada do que em *Na noite do passado*. Signe Hasso é um bom tipo para o papel que lhe deram e Richard Whorf e Margaret Wycherly que tão bons trabalhos tiveram em *O fogo sagrado*, em papeis diferentes estão novamente perfeitos. Reginald Owen, George Coulouris (recordam-se de *Cidadão Kane*?) John Emery, Sarah Paddeu, o garoto Darryl Hickman, a pequena Juanita Quigley, o imprescindível George Renavent e Lucien Prival (novamente em forma, como tipo nazista), coadjuvam os principais. O filme, no principio, com as duas pequenas e Margaret Wycherly, faz lembrar aquele soberbo. *A caminho do front* (O desertor), que Jean Pierre Aumont fez com Leonid Meguy ao lado da hoje traidora Corinne Luchaire. (Exibido no Metro-Passeio).

Laços Eternos

(HERS TO NOLD)

2

O novo celuloide de Deanna Durbin é antes de tudo um excelente filme de propaganda do imenso esforço bélico da grande nação americana, passado como é, em muitas sequencias, numa das fabricas de aviões de Tio Sam, mostrando-nos em magnificas cenas de cinema documentario o que é a produção em massa dos pássaros metálicos que estão arrazando a Alemanha e hão de reduzir o Japão à sua condição primitiva. É o ponto alto do filme, que em seu argumento, repete situações conhecidas, terminando com um desfecho convencional e mal imaginado, com Joseph Cotten abandonando a garota e procurando fazer as pazes com a mesma, no momento da partida para a guerra. A narrativa também é um pouco longa e aquela canção que Deanna canta no quarto, bem poderia ter sido suprimida. Se o final fosse mais convincente, o filme agradaria mais. Contudo, é uma comédia agradável. A parte romantica até a despedida dos namorados na casa da pequena, está bem dirigida, e a sequencia em que Deanna vai pedir ao pai para arranjar que Joseph fique na fabrica vale o filme, principalmente por seu dialogo. Joseph Cotten, fazendo um galã que lembria de leve o tio de Teresa Wright em *Sombra de uma duvida*, revive o tipo do namorado audacioso, que Hollywood não nos apresentava desde os velhos tempos de John Gilbert. Charles Winninger e Nela Walker repetem os papeis de pais da protagonista. E Gus Schilling diverte com o seu tipo, no amigo de Joseph. Na cena em que os operarios saem da fabrica, os fans da velha guarda poderão revê-la, em primeiro plano, a figura de Eddie Polo, o famoso Rolleaux de *A moeda quebrada*. Direção razoavel do ex-cenarista Frank Rian. Na parte musical destaca-se o conhecido *Begin the Beguine*, de Cole Porter (Exibido no circuito Plaza, Astoria, Olinda e Riti).

A Lei Sagrada

(JEUNES FILLES EN DRÈSSE)

2

Este filme francês de Pabst fazia parte daquela serie de celuloies europeus que o extinto Empresa Ponce anunciou tanto e não chegou a apresentar. Foi exibido agora na Cinelandia, discretamente, dando a impressão de *réprise*, como tantas outras que os exibidores fazem, sem avisar o público que "o filme volta ao cartaz", como se fazia outrora nos cineminhas da Avenida, e se faz na Argentina e nos

Estados-Unidos. O seu lançamento no velho Broadway teria sido barulhento, mas o Broadway, não chegou a exhibi-lo... Trata-se, entretanto de um drama social que vale a pena ser visto. Passado num *pensionnat de jeunes filles* faz lembrar o celebre *Club de Femmes*, de Jacques Deval, que foi um dos melhores trabalhos de Danielle Darrieux. Este porém, é mais serio. O argumento estuda o problema do divorcio de maneira realista, através da direção do grande realizador de *Atlantida*, da qual realmente andavamos saudosos. Não é decerto filme para qualquer público, mas os admiradores do cinema gaulês não devem perdê-lo.

Jacqueline Delubac, Marcelle Chantal, André Luguet e Micheline Presle aparecem nos principais papeis em excelentes interpretações. Mas o elenco é enorme, reunindo Louise Carletti, Muratori, Robert Pizani, Marguerite Moréno, Marthe Mellot, Margo Lion, Milly Mathis, Pierre Bertin, Aquistapace, Paulette Elambert, Lupovici (figura obrigatória das produções de Pabst e primo do Roberto Lupo dos filmes brasileiros), Jacques Manuel, Claude Lemman, Nane Germon, Maurice Jamain, Arthur Deyere, e a veterana Gabrielle Robinne. É um bom filme francês de 1939, o ano em que começou a segunda guerra mundial, que mais tarde, terminaria com a cinematografia da verdadeira pátria do cinema. (Exibido no Cinema Pathé).

Minha Secretária Brasileira

(SPRINGTIME IN THE ROCKIES)

2

Este filme de Carmen Miranda, escolhido para inaugurar o novo Cine-Palacio, representa ontra decepção para os fans da cantora brasileira, que depois de ter aparecido de maneira tão agradável em *Uma noite no Rio*, reaparece-nos agora tão má artista quanto o foi em *Aconteceu em Havana*. Dir-se-ia que Carmen, neste filme, fez questão de apresentar um trabalho pior que aquele do seu celuloide anterior. E nós, sinceramente, ficamos com pena da estrela, porque nos filmes nacionais ela representava melhor. Francamente, não sabemos porque Carmen Miranda ficou assim. Ouvimos que os criticos americanos tem elogiado muito o seu trabalho nestas *extravagancias* musicais em que a Fox a tem apresentado. Serão êsses elogios os responsáveis pela atual Carmen Miranda de Hollywood? Não sabemos; mas deploramos, com sinceridade, o que os seus celuloides vêm mostrando desde *Week-end in Havana*. Se a cousa não melhorar no seu próximo filme, a sua popularidade ficará, evidentemente, afetada. O que o filme tem de interessante — Carmen que nos perdôe a franqueza, pois ainda não perdemos a esperança de vê-la no cinema, com aquela personalidade, que tanto nos encantava nos balcos da Cinelandia e nos estúdios de rádio — é a encantadora Betty Grable e Edward Everett Horton. O numero de dança da tentadora lourinha e Cesar Romero, também merece destaque. A orquestra de Harry James (marido de Betty), não foi bem aproveitada. Enfim, não é o tipo do filme que deveria ser escolhido para a abertura de uma casa como o moderno Palacio, embora mereça louvores o gesto simpático da T. C. — Fox, escolhendo a nossa Carmen para madrinha do mais moço dos cinemas da rua do Passeio. O primeiro programa do Palacio tem feito enorme sucesso mas, certamente, a grande atração tem sido o novo cinema que Luiz Severiano nos deu e não o filme que o reabriu.

Quem com Ferro Fére

(THE GET-AWAY)

2

Os filmes de *gangsters* fizeram época e até alguns artistas nos primeiros lustros do cinema falado. Robert Montgomery foi um dos primeiros *gangsters* mocinhos no famoso *O presidio*, da Metro; Clark Gable fez sucesso em *Uma alma livre*, que refilmado com Robert Taylor (*Estrada proibida*) provou que o marido de Barbara Stanwick também "dava para a cousa"; Joseph Calleia triunfou retratando Dillinger; Paul Muni impôs-se como Al Capone em *Scarface*, etc. Depois, o genero de tão explorado caiu, para ressurgir num novo ciclo sobre os G-Men e acabou nas miniaturas da serie *O crime não compensa*. Por isso, este filmezinho têm o aspecto de reminiscencia. Pertence à familia das hittórias de inimigos da lei que mostram o fim da carreira de um deles, interpretado por Dan Dailey Jr. como se vê, nada apresenta de novo, se é que isso seria possível. O próprio papel do médico feito por Charles Winninger, é conhecido. Mas, é uma fitinha de linha que não aborrece, a narrativa não é má. Serve para recordar o cinema de alguns anos atrás... Robert Sterling faz um agente federal. E Donna Reed fornece a nota romantica (*Estreiado nos Metros, Tijuca e Copacabana*).



OS extremos tocam-se. Não parecendo, há muitas afinidades entre Mary Pickford e Shirley Temple, que aqui estamos vendo num instantâneo original. Shirley tem agora quinze primaveras, Mary completou cinquenta outonos. Mary participou em sessenta filmes de sucesso, Shirley, em vinte e oito. Ambas desfrutaram igual triunfo, embora transitorio. Mary Pickford foi por muito tempo a Namorada da America, Shirley, a mais prodigiosa atriz infantil. Mary foi "campeã de bilheteria" por muitos anos, o mesmo aconteceu com Shirley que vai agora viver o seu papel de mocinha. Mary apareceu na mesma idade, no palco, em uma peça de David Belasco. Mary contratou Shirley para um filme que ela financia mas onde não aparece. Pagou quatrocentos e dez mil dolares pelo original de teatro — Junior Miss — e parece que a veterana está movida das melhores intenções. Mas, no momento, ambas estão sem "cartaz"...

Shirley e Mary Pickford

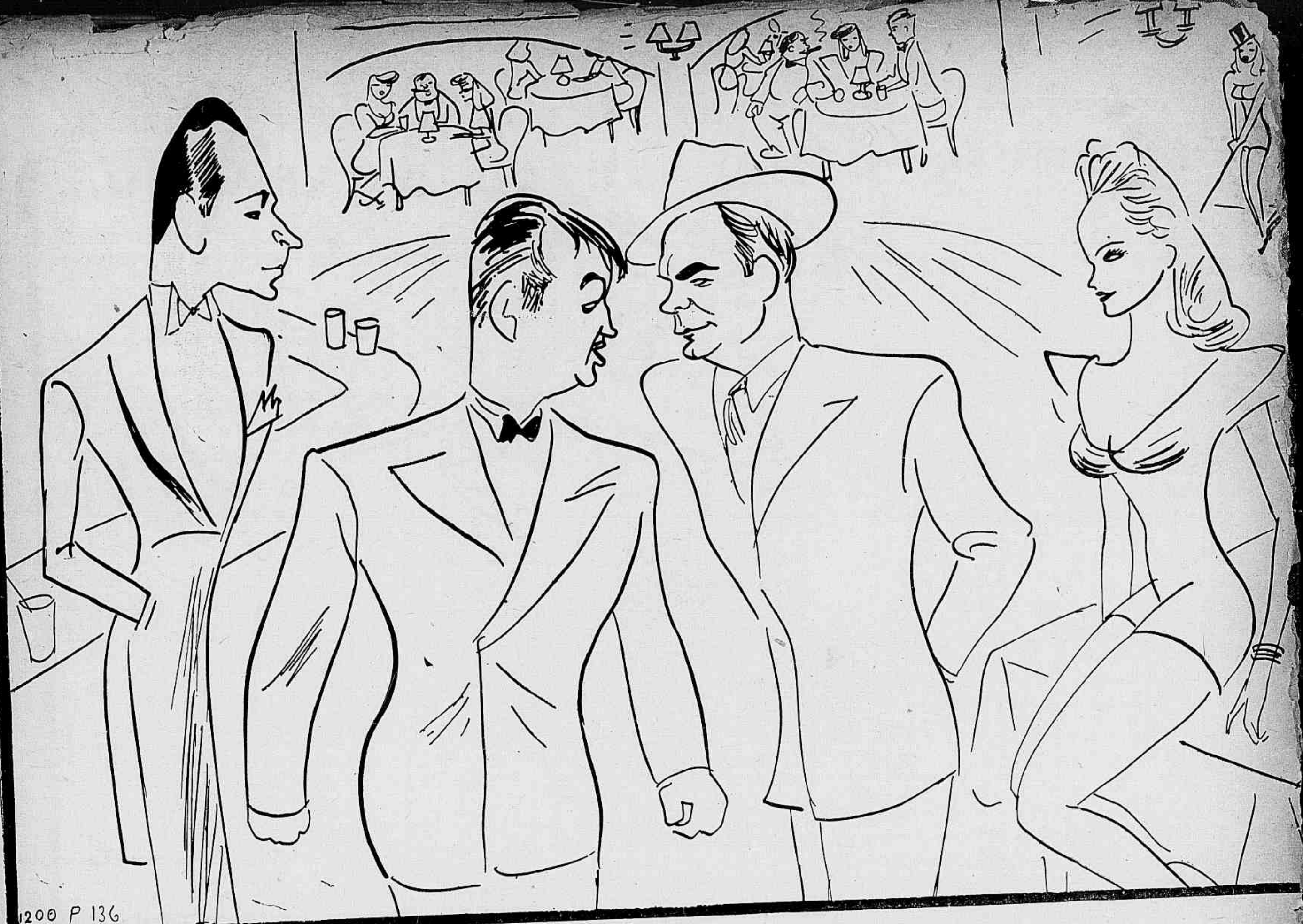


Novo Turista Caricaturista de Hollywood

Kroll é uma novidade. Hollywood anda alvoroçada com as caricaturas desse esfuante artista do lapis, que maneja com um desembaraço e uma felicidade incriveis. Aqui á esquerda, Nelson Eddy e Susanna Foster, na versão nova de "O Fantasma da Opera", que a Universal está fazendo em technicolor. Não estão notaveis?

Em baixo, outro maravilhoso trabalho de Kroll: Diana Barrymore, John Loder, Robert Stack e Leif Erikson em "Eagle Squadron", da Universal. Qualquer desses artistas é facilmente reconhecivel através dessas eximias caricaturas.





Da esq. para a dir., George Raft, Broderick Crawford, Pat O'Brien e Janet Blair, no filme "Broadway". Respectivamente: o "night club hooper", o "gangster", o representante da lei e a dançarina. Observem os detalhes do "ambiente", ao fundo. Kroll não faz caricaturas, reproduz em soberbos traços de "humor", cada um dos seus modelos.

Claude Rains na "péle" do novo "Fantasma da Ópera", visto através de outra esplendida ilustração do mesmo artista. A versão primitiva do referido filme, teve Lon Chaney como protagonista e o sucesso foi absoluto. Agora sucederá o mesmo?

Deanna Durbin em "Laços Eternos", que o Rio assistiu na penúltima semana de dezembro. Esta é uma cena jogada com Charles Winninger e Gus Schilling. Como se vê, "mestre" Kroll é prodigioso nas suas caricaturas. Elas tem vida e são sempre parecidas!



a CENA Teatral

A REVISTA DA' MUITO TRABALHO...

...MAS ENTUSIASMA O ARTISTA — IRACEMA CORREIA FALA-NOS DA ALEGRIA QUE SENTE EM VOLTAR AO PALCO DO RECREIO — NOTAS SOBRE A *RENTRE'E* DA CIA. WALTER PINTO NO VELHO TEATRO DA RUA PEDRO I

O empresário Walter Pinto continua sendo o homem do dia no setor do teatro musicado. Depois de dissolver a Companhia que atuou no Carlos Gomes, passou a anunciar que voltaria ao Recreio com um novo elenco e nos prometeu fazer *essa rentrée* festivamente no começo de Janeiro. E' bem possível que, quando sair esta nota, já o elenco tenha feito *essa* tão esperada estréia, ou pelo menos, que já reconheçam, com mais detalhes, o que será o Recreio, remoçado pelas grandes obras ali executadas pelo aludido empresário e como está organizada a nova Companhia. Por ora sabe-se apenas que o elenco não é nada do que se viu no Carlos Gomes e que a estréia será feita com a apresentação de uma revista de autoria de Custodio Mesquita, com uma musica deslumbrante e uma montagem orçada em muitos milhares de cruzeiros.

OS
JOVENS
FICARAM

Com efeito, sabemos que Walter Pinto fez na sua Companhia grandes reformas. Muita gente boa foi dispensada e, para os claros, foram chamados outros artistas que prometem dar grande brilho ao novel conjunto fazendo o Recreio reviver os aureos tempos do falecido empresário Pinto, cujo dinamismo e espirito realizador foram herdados pelo jovem Walter Pinto, seu filho e sucessor.

Ao escrevermos esta nota ainda não temos noticias positivas sobre os elementos da nova Companhia, porém sabemos, com certeza, que os mais jovens artistas da Companhia dissolvida foram aproveitados na atual, onde aparecem com grande destaque. Entre os jovens artistas aproveitados, figura o nome de Iracema Correia, a "estrelinha" justamente mais jovem do teatro musicado e também a que se apresenta com as mais risonhas perspectivas de um futuro grandioso na cena brasileira.

TRABALHO
NÃO
METE MEDO

Quando encontramos Iracema Correia, ela vinha do Recreio, onde fizera o primeiro ensaio. Ficamos satisfeitos em saber que, muito breve, voltariamos a nos deliciar com a sua presença no palco. Falamos de nossa saúde; ela responde:



Iracema Correia

— Eu também estava saudosa do palco. Quem se habitua a trabalhar num teatro de revista, adaptando-se ao movimento incessante que obriga o desempenho de varios papeis, sente a falta *dessa* movimentação. Recebi, nestes dias de descanso, algumas propostas para ingressar em elencos de comédia, mas não aceitei. Eu estava comprometida com o Walter Pinto e, além disso, tive receio de achar monotono o trabalho num palco onde se faz comédia. A revista dá muito trabalho ao artista, mas diverte também. Depois eu não tenho medo do trabalho.

QUANTA
ALEGRIA!

PRESENTE DE FESTAS

O ano de 1944 apresenta-se, para o Teatro, com as mais agradáveis perspectivas. Tudo indica, pelo movimento que se processa desde já, que a temporada vindoura alcançará um desenvolvimento extraordinário: teremos muitas novidades e os nossos artistas cênicos viverão uma fase de prosperidade, de trabalho e, possivelmente, de tranquilidade, pois nada mais deve afligir o trabalhador da cena do que a perspectiva de desemprego que precede ao começo de temporada. Já os jornais diários, nas suas seções especializadas, ocuparam-se longamente dos projetos de diversas Companhias em formação para o ano proximo vindouro. Entretanto, de todas as notas publicadas, uma chama, particularmente, a atenção do aficionado: a que foi divulgada no dia 5 do mês p. p., na seção teatral do "Diário de Noticias", que, por se achar sob a orientação do Dr. Abadie Faria Rosa, é tida e havida como órgão "quase-oficial" das atividades do Serviço Nacional do Teatro. Entre outras boas informações fornecidas pela aludida nota, que traz como marca o estilo do proprio diretor do Serviço Nacional de Teatro e, portanto, tudo mostra ter sido redigida por ele proprio, diz que funcionarão, em plena temporada de 1944, muitos "cine-teatros" e alguns cinemas serão transformados em teatros. Para um bom observador, que vem acompanhando o trabalho da cronica teatral em prol do Teatro Popular e da criação, nos bairros populosos, de casas de espetáculos teatrais, a noticia possivelmente emanada do S. N. T., como tudo demonstra, vale por uma confirmação de que essa campanha alcançou a sua finalidade e que, finalmente, teremos Teatro fóra do centro da Cidade e novas casas de espetáculos onde os artistas possam trabalhar e viver. Para um fim de ano, que não foi dos melhores para o Teatro Brasileiro, as informações publicadas no jornal "meio-oficial" da repartição a cargo do Dr. Abadie, vale por um magnifico presente de festas.

SERGIO PEIXOTO

— O meu regresso ao Recreio, — prosegue Iracema Correia, — é motivo de grande alegria. Sempre tive uma grande paixão pelo palco do Teatro onde recebi os melhores aplausos de minha carreira. Não sei porque, mas, no Recreio, a gente parece que respira melhor. Trabalha-se mais à vontade, com mais amor, com mais entusiasmo...

— Basta! — interrompemos.

— Basta por que? perguntou a pequena *vedete* espantada.

— Você já falou muito do Recreio.

A nossa interlocutora não se deu por achada. Fez uma careta e, com um sorriso, dos mais gaiatos e graciosos da sua grande coleção, exclamou:

— Pois se eu estou apaixonada pelo Recreio!

E enquanto se despidia:

— Será crime falar de seu amor?!

COM UM PÉ NO RÁDIO...

SIMONE MORAIS FALA DO RADIO-TEATRO COM ENTUSIASMO, MAS ESTÁ OLHANDO PARA O TEATRO COM "BONS OLHOS" — UM MESTRE E UM MODELO: PLÁCIDO E CORDELIA — AS BOAS NOVIDADES QUE A POPULAR CANTORA DO PROGRAMA DO ALMOÇO E RADIO-ATRIZ DA P. R. A. 9 TRANSMITE AOS LEITORES DE "A CENA MUDA"

Reportagem de SERGIO PEIXOTO

Quando a Mayrink, já há bastante tempo, lançou o seu programa do Almoço, sob a direção de Pinto Filho, os ouvintes da popular emissora orientada por Edegar Machado travaram conhecimento, — através de seus receptores, é claro, — com a voz suave e bonita de Simone Morais. Era, então, quase uma garota.

No Programa do Almoço, que é ainda um dos bons "broadcasts" diurnos da P.R.A. 9, ela se tornou popular, dedicando-se, graças à maleabilidade de sua vozinha, sempre colorida e agradável, a vários gêneros. Cantou sambas, marchas, valsas, canções, foxes e até alguns trechos que, embora leves, são tidos como eruditos. E como cantora, ainda hoje, Simone Morais integra o "cast" daquele programa diurno, do qual é veterana e figura de primeiro plano.

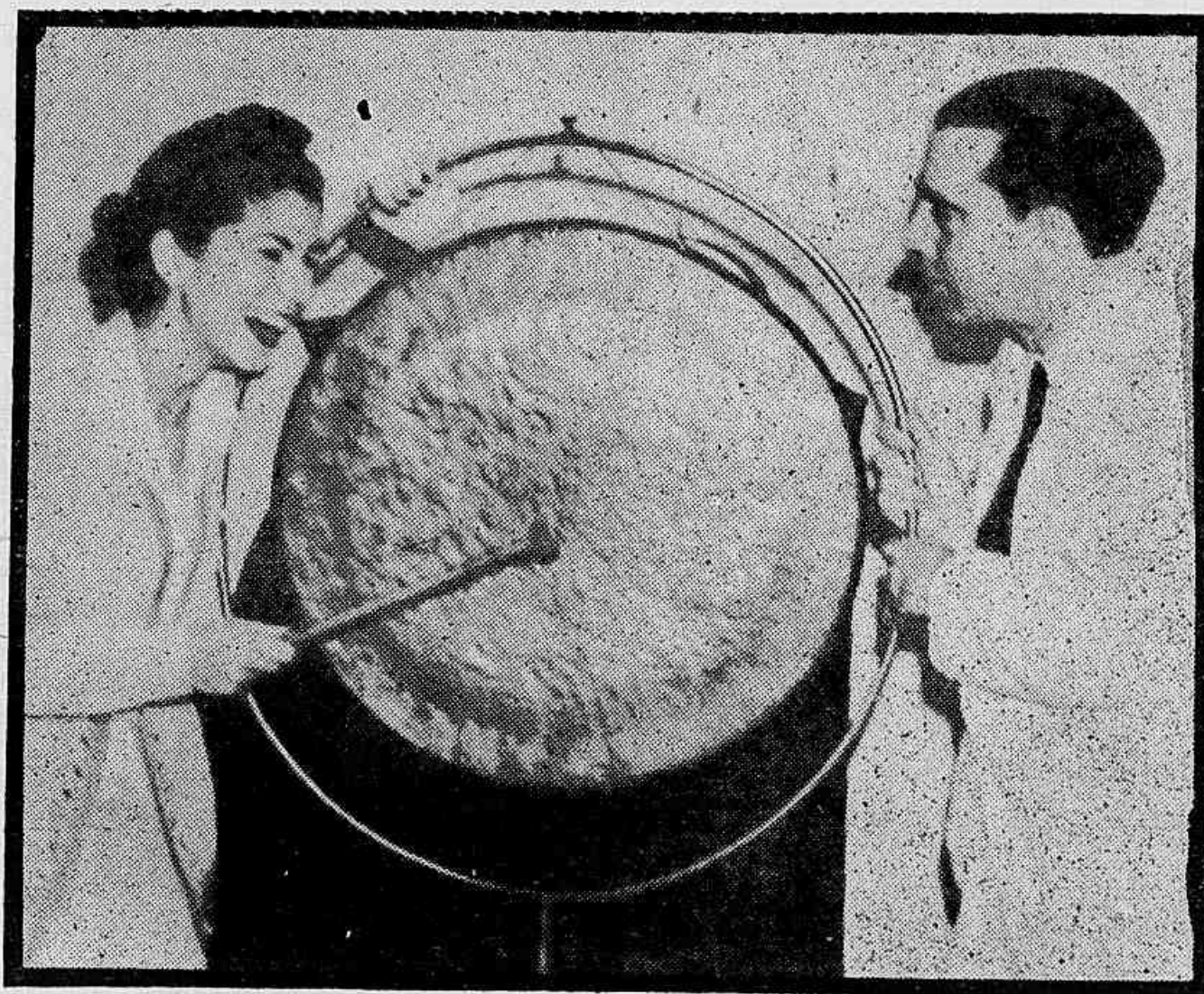
DONA "CHANCE" É CAMARADA!

Mas Simone Morais, atualmente, não é simplesmente a cantora do Programa do Almoço... ganhou nova personalidade artística, sem dúvida muito mais importante: é também radio-atriz. Essa transição da cantora para a radio-atriz não se processou, porém, com facilidade ou rapidamente como julgamos, mas sim com um demorado aprendizado debaixo de uma sábia e proveitosa orientação. A própria Simone Morais, solicitada por nós, vai contar como se verificou a sua ascensão até o principal elenco radio-teatral de P. R. A. 9:

— Durante muito tempo, — começou a nossa entrevistada, — fui apenas cantora. Estava contente, mas não satisfeita ainda. Queria ser mais do que uma simples cantora. E comecei, então, a namorar o Radio-teatro. Há mesmo, no programa do Almoço, eram apresentados sketches, quase sempre interpretados pelo Souza Filho e alguns outros elementos do radio-teatro. Certo dia, a dona "Chance" essa senhora que se mostra tão rabugenta para os artistas novos, deu, um arzinho de sua graça e eu, sem contar com isso, fui solicitada para fazer um diálogo com o Souza Filho. Faltou a radio-atriz que devia representar o sketch e era preciso que alguém tapasse o buraco. Peguei o papel, estudei, estudei e, quando compareci ao microfone, já parecia uma radio-atriz, senão de primeira grandeza, pelo menos, com alguma experiência. O fato é que os colegas gostaram e os ouvintes também, pois dois ou três telefonemas que recebi deram prova de que não fui de todo mazinha no papel.

VOCE TEM JEITO, MENINA!

Depois desse dia, continuei fazendo pequenos papéis nos sketches do programa do Almoço. Um dia, o Plácido Ferreira, que fora até o estúdio fazer não sei o que, teve oportunidade de me ouvir num outro diálogo com o Souza Filho. E quando acabei, — vejam só que surpresa agradável! — o diretor do "Teatro pelos Ares" pôs a mão no meu ombro e disse, com aquele ar conselheiral que lhe é peculiar quando trata de coisas sérias (o meu caso era realmente muito sério!): "Você tem jeito, menina!" E nesse mesmo dia convidou-me para representar um papel no "Teatro pelos Ares".



Simone Morais mostra ao nosso companheiro as suas aptidões para a música, tocando um solo de... gongo.

UM MESTRE ÀS DIREITAS

— O Plácido foi o meu mestre, — continua Simone Morais. Aprendi com ele todos os segredos da arte de representar ao microfone. Porém, devo muito também a Armando Louzada e, sobretudo, a Cordelia Ferreira. A "estrela" do Teatro pelos Ares, não só auxiliou o Plácido no meu aprendizado, como também serviu para mim de modelo, pois procurei sempre me adaptar à sua maneira de interpretar. Ainda não sou uma radio-atriz de primeiro plano na P. R. A. 9, é verdade, pois seria absurdo querer, ainda com o pouco tempo que tenho de prática, igualar-me aos grandes nomes que fulguram no "cast" mairinquiniano. Espero, entretanto, alcançar uma situação destacada no futuro, pois tenho boa vontade. O estudo e a perseverança são dois predicados que me orgulho de possuir em grande escala.

VENDO O TEATRO COM BONS OLHOS

Tinhamos a impressão que Simone Morais, ditas as palavras acima, nada mais teria a nos relatar. Ela, porém, ainda tinha algumas novidades escondidinhas dentro de sua bolsa, de forma que, quando já nos dispunhamos a encerrar a palestra, a nossa interlocutora nos detém e desfecha a boa nova:

— Em Fevereiro estreiarei no teatro, como atriz da Cia. Cazarré-Modesto, no Rival.

— Verdade?

— Sim, senhor! O Cazarré faz questão de me lançar no teatro e eu já aceitei a proposta. Farei o segundo papel feminino da peça de estreia daquela Companhia.

Estranhamos a animação de Simone. Ela explica:

— Estou animada porque também o teatro tem sido, há muito tempo, o meu sonho dourado. Antes de ingressar no Radio, representei como amadora no Centro Dramático do Andaraí. Lá fiz algumas boas criações, destacando-se o papel que representei em "Divino Perfume", de Renato Viana. Como vê nunca fui uma profissional na arte de representar, mas já sei pisar num palco.

"CARNET DE BAILE", NA RIBALTA

— Mas, — prossegue, — talvez essa não seja a melhor novidade que tenho para a CENA MUDA! Há mais...

— Pois diga, por favor!

— Antes de estreiar no Rival, farei um papel na peça "Carnet de baile", que o Celso Guimarães adaptou para o teatro, depois de ter feito uma radiofonização e que tanto sucesso obteve no programa "Cine-Radio-Teatro" de Celestino Silveira. Essa peça será representada no palco do Carlos Gomes, no fim de Janeiro, por ocasião da festa artística de Armando Louzada. Sarei uma garota afetada, muito semelhante àquela Lorraine que representei em "Satan janta conosco", também em "Cine-Radio-Teatro", e com que me senti tão bem. Vale como novidade?

— Se vale!...



Harry Carey e John Garfield numa cena de "Águias americanas".

NADA envelhece mais rapidamente que o cinema.

Um filme, com raras exceções, fica antiquado dois anos depois de sua estréia.

Um artista que trabalhe ininterruptamente dez anos, é um veterano com opção para aposentadoria.

Por isso, o milagre de Harry Carey, trabalhando no cinema há 35 anos, é qualquer coisa de extraordinário, valendo a pena investigar o segredo da longevidade artística do grande ator.

E o reporter procurou ouvir o inesquecível *Cheyenne*, no seu rancho encantador, situado nos centros das serras californianas, rancho que em nada se parece com os dos demais artistas do cinema.

Uma linda mulher alta e ruiva, de exquísita distinção e grande simplicidade, conhecida em outros tempos com o nome de Olive Golden, filha do famoso ator George Fuller Golden e hoje orgulhosa de ser a esposa de Harry Carey, nos recebe gentilmente, enquanto esperamos a chegada do seu marido. E nós ficamos invejando o lar do popular artista pensando: — Mansão de paz e de amor a de Harry Carey!

Pouco depois chega o ator, cumprimenta-nos amavelmente e sentando-se numa cadeira de couro, acende o cachimbo, cruza as pernas e diz-nos que está pronto para atender-nos.

Harry Carey acha a coisa mais natural deste mundo a sua longa carreira no cinema.

Não a conseguiu, evidentemente por causa do talento — diz ele, modestamente, como se pudessemos acreditar nisso depois de o admirarmos em tantas interpretações notáveis:

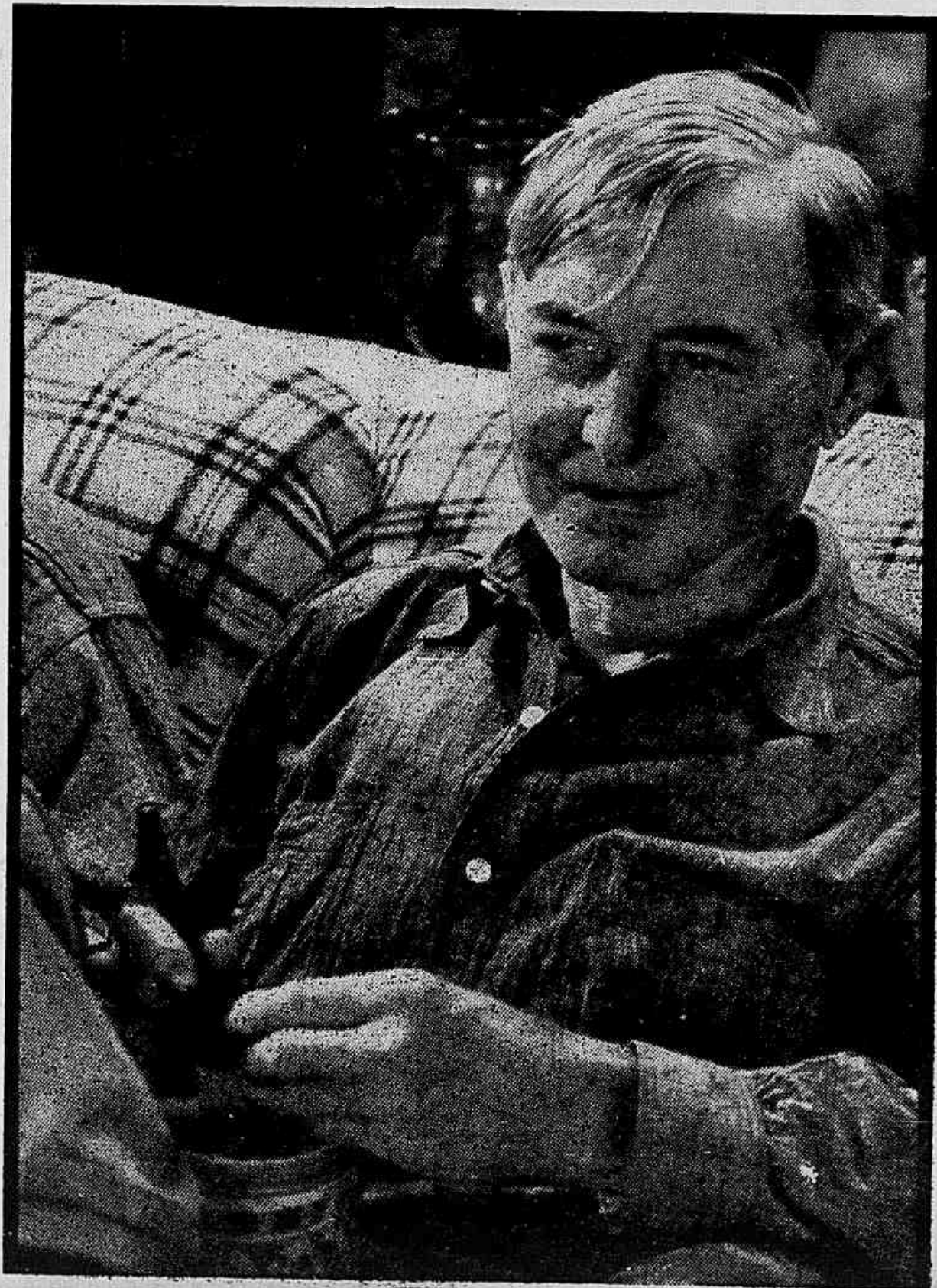
— Trinta e cinco anos são uma existência, para serem vividos a luz de Hollywood! Porém um ator pode fazer esse milagre, se escapar de vez em quando do cinema — diz Carey — Quando os produtores sabem que o artista não têm interesse em trabalhar, gastam muito dinheiro para pedir-lhe que volte. O valor de um artista diminui, de acordo com a dis-

O LÉCANO



O saudoso "Cheyenne" dos bons tempos em que era "cow-boy" mais natural do cinema, nos filmes da famosa "Serie de Ouro", da Universa^l.

Um flagrante, ao natural, do veterano ator.



tancia em que ele se encontra. Há celebridades que chegaram à cidade do cinema para serem aclamadas durante um par de meses e que permanecem depois, sumidas na mais profunda obscuridade. Eu me ausento de Hollywood três ou quatro meses cada ano... para dar-me o prazer de que alguém me descubra e me faça voltar ao cinema.

— E o seu sistema dá bons resultados? — interrogamos.

— Se não desse, eu não estaria trabalhando há 35 anos, com a mesma popularidade...

— Mas, os seus triunfos artísticos não influíram nisso? — sugerimos.

Harry sorri, incredulo.

E, atendendo à nossa insistência, faz uma breve *sinopse* de sua vida.

E' filho do juiz Henry De Witt Carey e nasceu em Manhattan, Nova-York, em 1880, onde se formou em leis no ano de 1902. Porém, a advocacia não o interessava e dedicou-se a escrever comédias.

— A maior parte do público — diz ele — pensa que eu montei a cavalo pela primeira vez, quando comecei a filmar. Não é verdade. Em 1905 escrevi uma comédia de *cow-boys* intitulada *Montana*, que foi estreitada em Nova-York, da qual eu fui empresário e ator. Nessa peça eu tinha que descer a cavalo por uma montanha de papelão, para salvar a heroína das mãos do vilão, no momento culminante. A comédia ficou mais de dois anos em cartaz. E noite, após noite, eu galopava pela montanha falsa. Tudo eram vozes, gritos um ruído infernal... que levava um grande público ao teatro, embora as únicas montanhas que eu conhecia fossem os canteiros do jardim de minha casa em Long Island! Entretanto isso valeu-me o meu primeiro contrato com o cinema, na velha *Film Distributing Company*, que necessitava de um ator que soubesse cavalgar, para o filme *Bill Sharkey's Last Game*. Eu fui o único artista disposto a trabalhar por 85 dólares por semana.

Harry teve depois a sua própria companhia, de sociedade com A. C. Lund; porém, a empresa faliu. Então, Harry Carey firmou um contrato com o grande David W. Griffith para atuar em *Unseen Enemy*, que se filmou nos estúdios da Biograph da parte leste da rua 14, em Nova-York, com as irmãs Lillian e Dorothy Grish. Na Biograph, Harry interpretou mais de cem filmes como vilão! Griffith, por causa dos seus papéis de patife, chamava-o "o bandido da Biograph".

Para aproveitar as vantagens do clima da California, os primeiros produtores começaram a filmar no oeste durante os meses de inverno e Carey foi para Hollywood com Griffith, interpretar *The Sheriff's Baby*.

— Gostei tanto da California — diz o artista — que comprei imediatamente 360 acres de terreno, perto de Saugus, e fui aumentando até convertê-lo neste rancho.

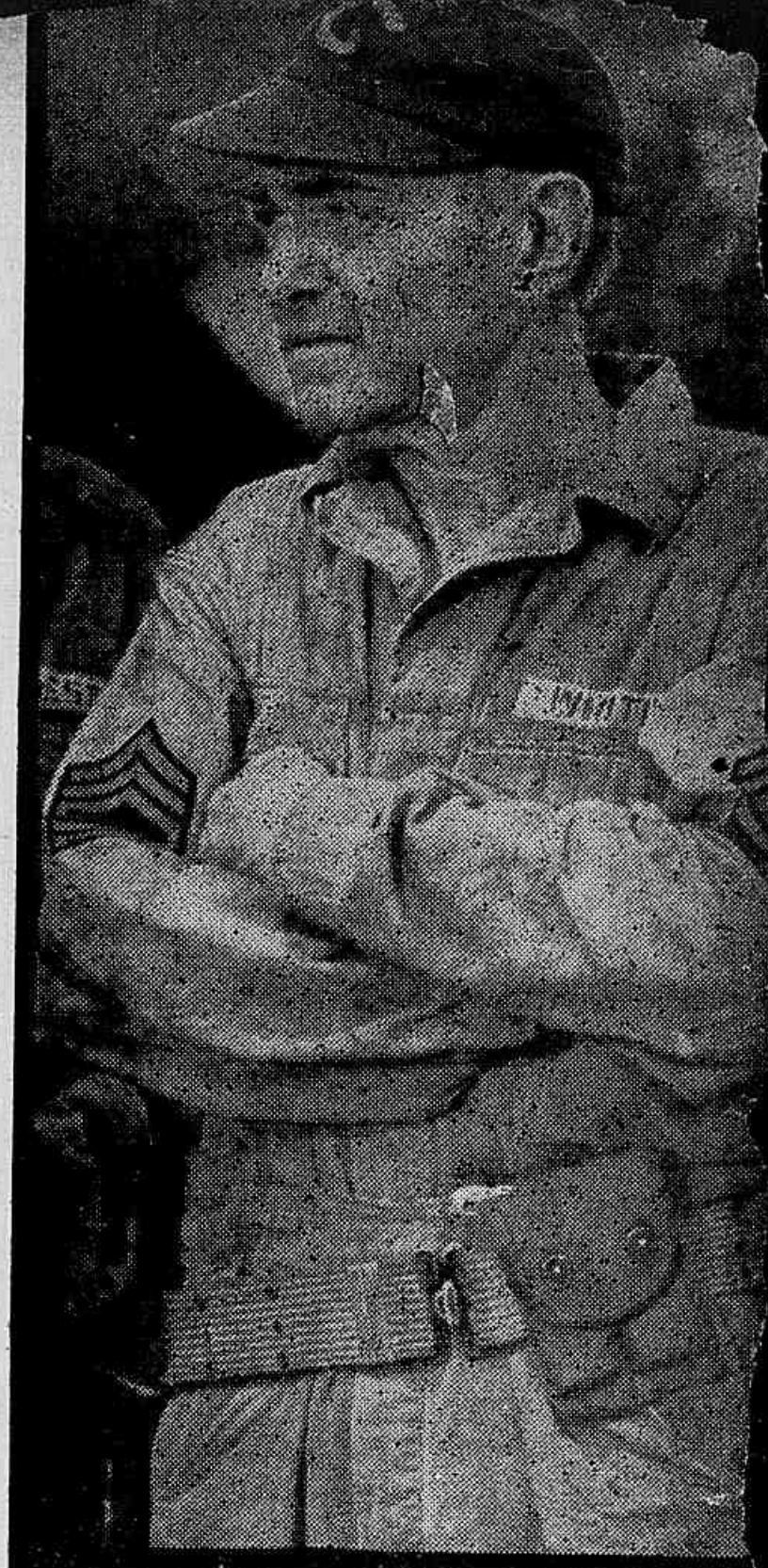
— Uma fortuna em terreno! — dissemos.

— Não tão grande quanto parece, quando o senhor souber que paguei somente dois dólares por cada acre. Porém, realmente uma fortuna, levando-se em conta que este terreno arruinou-me duas vezes por ocasião de inundações, no tempo das chuvas.

O rancho de Carey possui vários edifícios, além do principal onde reside o ator com sua esposa e seus dois filhos um rapaz e uma pequena.

Uma das casas é ocupada pelos criados de Carey, todos homens e mulheres, índios da tribo dos Navajo, com exceção do cozinheiro chinês, que teve que aprender o dialeto indígena para poder viver bem com seus companheiros.

Tendo trabalhado vários anos na Universal, onde fez os seus melhores filmes, dirigidos por John Ford (que então era Jack Ford), Harry Carey depois que deixou aquela empresa sempre tem tido trabalho no cinema. Um dos papéis mais importantes de sua vida foi aquele de *Trader Horn*, para filmar o qual passou dois anos consecutivos na África, em com-



No avião de "Águias americanas", que é a história do bombardeiro "Mary Ann".

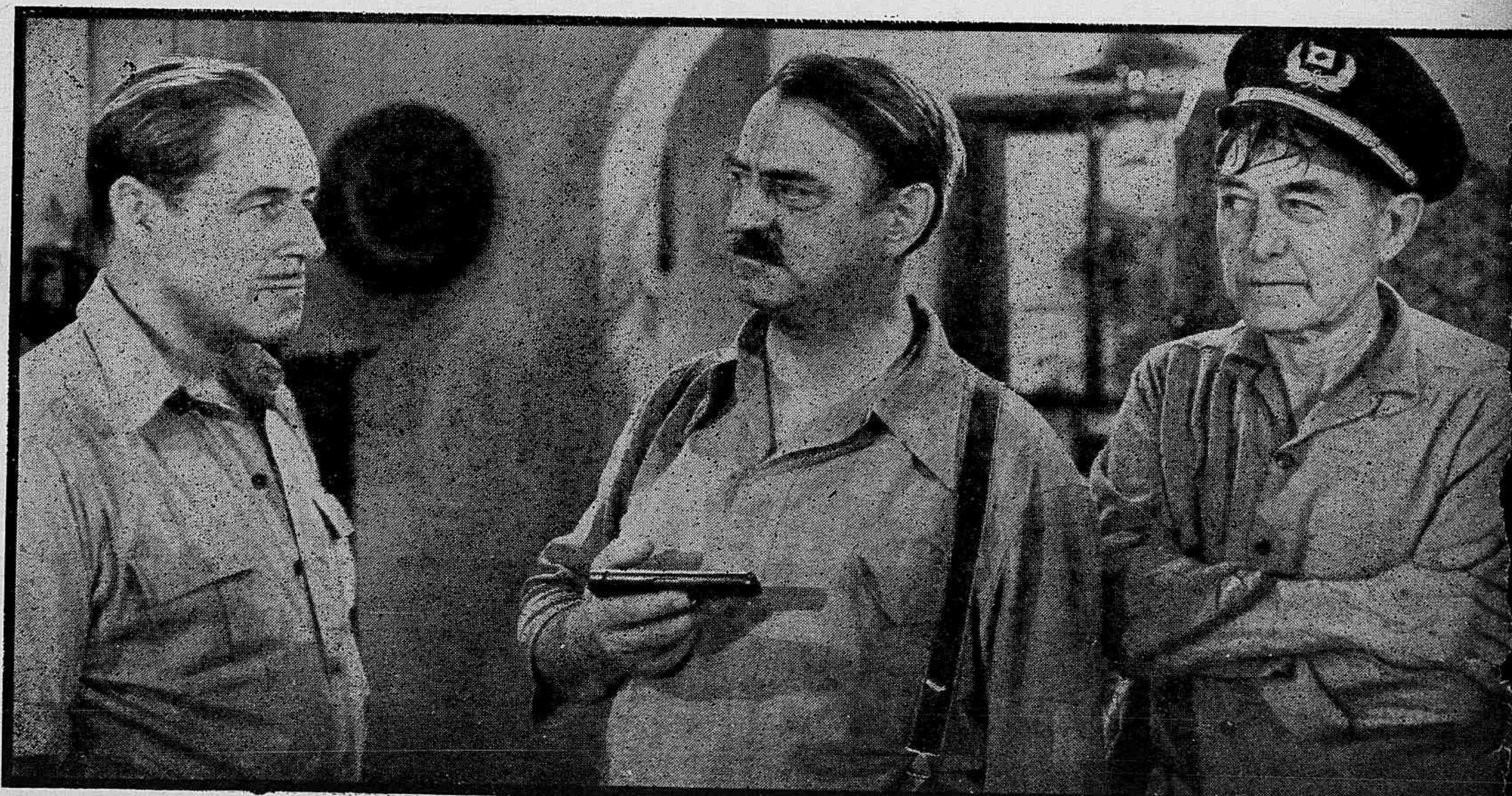
DOS ATORES

panhia de Edwina Booth, Duncan Renaldo o malogrado diretor W. S. Van Dyke.

A Europa não o interessa, nem tão pouco as grandes cidades. Seu desejo é conhecer a América do Sul, pretendendo passar alguns anos na Argentina. Porém, para isso, te-

(Continua na pag. 34)

Harry, Sig. Ruomann e Jack Holt, num celuloide moderno da Columbia. Jack também é veterano da Universal, da época em que Harry Carey ali trabalhava. E as suas lutas com Rolleaux na "Moeda quebrada" fizeram época...



ANÉIS DE GRAU



De prata e ouro desde Cr\$ 45,00, de ouro e platina desde Cr\$ 475,00. Vários tipos — Artigos para presentes, marcacitas, filigranas, etc. "JOALHERIA JOELSON" 54, PRAÇA TIRADENTES, 54

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00



TEM CASPA?
Caem os Cabelos?

JUVENTUDE ALEXANDRE

ELIMINA A CASPA
Evita a Queda

Numeros atrasados desta Revista na Bahia

Pedir a **ALFREDO J. SOUZA**
Rua do Colegio, 8 — Salvador

A Cena Muda

Propriedade da Companhia Editora Americana. Diretor: Gratuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. Tels.: 22-2622 (Direção), 22-4447 (Redação), 22-2550 (Administração e Publicidade). Endereço Telegráfico: "Revista". Número avulso: Cr\$ 1,20. Assinatura: (52 números), Anual, Cr\$ 50,00; Semestral, Cr\$ 26,00. Registrada: Anual, Cr\$ 67,00; Semestral, Cr\$ 34,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 135,000; Semestral, Cr\$ 70,00. Número atrasado, Cr\$ 1,50. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Representantes de "A Cena Muda": S. PAULO, Rua D. José de Barros, 323, Tel. 4-7866; Correspondente em Salvador, Bafa: Geroncio Meira de Melo e Silva, Edifício da Associação Comercial; ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, S. S. Knoppe & Co., Times Building, New York City; PORTUGAL, Agência Geral de Publicações, Rua do Arsenal 84, Lisboa; AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA, D. Spanos. Caixa Postal, 434, Lourenço Marques; URUGUAI, Moratorio & Cia., Constituyente 1746, Montevideo; Sucursal na ARGENTINA: "Inter-Prensa", Florida 229, Buenos Aires.

FALA O AMIGO FAN

CASABLANCA

A Warner-Bros idealizou, Michael Curtiz dirigiu e Max Steiner musicou. E Humphrey Bogart-Ingrid Bergman viveram os papéis de Rick e Ilsa. Viveram, sim senhores. Nunca se viu em tela alguma, amor tão forte, tão grande e desesperado como esse de Rick e Ilsa. Não amor para mocinhas sentimentais, leitoras de Ardel, Delly e Triby, mas Amor humano, igualzinho ao amor que acontece nos corações dos bem humanos homens. Em certo ponto do filme, Ilsa diz a Rick:

— São canhões, ou é o bater do meu coração? Ou... Amo-o tanto, que já perdi a noção do que é direito. De agora por diante é necessário que você pense por nós dois...ou nós três.

"Casablanca" com todas as suas insídias, chantagens e crimes internacionais, se apaga com um só beijo aos dois. Em todas as fitas a que assisti, os beijos apareciam para completar os idílios, mas em Casablanca, a gente espera, espera e acha naturalíssimos os beijos de Rick e Ilsa.

Richard Blaine-Rick, Humphrey Bogart está soberbo. Não sei bem o que sempre me impressionou neste homenzinho pequeno e quasi feio que sempre faz papéis de bandido...não saberia explicar...talvez seja a sua personalidade marcante que se derrema por toda a sua figura, tornando-o antes de tudo, um homem igualzinho aos que nascem, vivem, amam e morrem todos os dias em todos os lugares.

A cena da bebedeira e a da despedida no aeroporto são as mais reais cenas de amor que um homem pode viver.

Aquele fox tocando em surdina, a voz de Sam cantando, Rick e Ilsa...O resto parece compor-se exclusivamente de intrusos. A gente fica com vontade de mandar embora a todos e deixar os dois sózinhos trocando juras de amor, ouvindo "As time goes by".

Ilsa Hunt-Ingrid Bergman é sempre extraordinária. Tão na-

tural que por isso mesmo nada vou dizer sobre ela. A suéca de beleza diferente é a artista mais simples que existe no cinema.

Mas o mundo não é só amor. E o mundo agitado de Casablanca tem mais gente que vive e sofre, e mais gente que tira vidas e faz sofrer, embora não palpite tanto como o coração de Rick e Ilsa.

Claude Rains, indiscutivelmente é a primeira figura de Casablanca. Claude é o melhor e o mais corrompido (expressão dêle) e o mais maleável capitão Renault que poderia existir.

Conrad Veidt é o major Strasser do III Reich. Está como sempre sóbrio, impecável e correto.

Peter Lorre aparece pouco mas bem. S. Z. Zakall é o velho gorducho que transborda bondade. Sidney Grentreestret é um bom tipo. O casal bulgaro, Leonid Kimsky, Madelaine Lebeau (a francesinha Yvonne), e o preto Sam, de quem não sei o nome, estão ótimos.

Deixei por ultimo, porque fiquei desapontada, com Paul Henreid. Em As luzes brilharão outra vez, Paul esteve sensacional. Mas em Casablanca, está apagado. Tem Paul apenas uma boa passagem — quando canta a Marselheza, acompanhado pelas vozes revoltadas dos patriotas franceses de Casablanca.

As musicas de filme são adoráveis. Max Steiner é irconfundível. Prestem atenção na musica de apresentação, no início do filme.

Aliás, eu sempre gostei desta Warner, exatamente porque ela tem a mulher mais divina do cinema, a personalidade masculina mais insinuante e o musico de maior gosto.

Bette Davis-Humphrey Bogart-Max Steiner. E que mais? Ponham estes três num só celuloide, e terão feito o filme mais humano de todas as épocas.

DENISE DE OLIVEIRA GONÇALVES

EM CADA CORAÇÃO UM PECADO

A Warner Bros. pode sentir-se orgulhosa: em menos de seis

meses apresentou ao publico brasileiro tres obras primas: "Sempre em meu coração", "Casablanca" e agora o inesquecível "Em cada coração um pecado". Este, porém, ultrapassou a todos.

So' mesmo o genial Sam Wood poderia tornar possível a realização tão fiel da grande obra de Henry Bollmann. "Kings Gow" é talvez a historia mais humana, a mais sublime que já se filmou.

A direção conseguiu o máximo: o espectador não pode desviar a atenção um só minuto. Todos os interpretes estiveram à altura de seus papeis. Robert Cummings, no papel de Parris Mitchel, comove a todos com sua boa vontade e simpatia irradiada em todos os seus atos. Ronald Reagan, como Drake McHugh, o amigo leal da infancia, sempre jovial e injustamente atingido por uma grande desgraça a amputação de suas pernas, feita pelo Dr. Gordon (Charles Coburn) um cirurgião atacado por uma "obsessão" de castigar as faltas alheias com intervenções desnecessarias. A cena em que Drake acorda e sabe de sua desgraça sensibiliza os corações mais duros.

Notavel, também, é a filosofia do Dr. Tower (Claude Rains), um medico isolado da sociedade por uma cruel molestia que ataca sua esposa, e mais tarde sua filha, vindo ocasionar a desgraça da familia.

Randy Monaghan (Ann Sheridan) na esposa consciente do seu papel e querendo tornar a vida do esposo aleijado, menos pesada, provou que toda desgraça pode ser amenizada, se tivermos na vida alguém que nos ame sinceramente.

Cassandra Tower (Betty Field), a pobre vítima do cruel destino, arrebatada quando é sacrificada por ser portadora inocente duma tara de familia.

Enfim, não é possível, a nenhum ser humano assistir este filme sem ficar comovido. Penso mesmo que esta obra prima jamais será esquecida por todos cuja vida não foi um mar de rosas...

WILSON BUECHEM



METROLINA

Para a higiene íntima da mulher

ANTISSÉPTICO GINECOLOGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE

LEONORA AMAR desobriga-se, neste momento, de seu contrato com um cassino local para embarcar, logo em seguida, com destino a Hollywood onde a chamam novas obrigações. Antes de partir, A CENA foi ouvi-la, numa tarde de sol. Leonora saía de dentro das águas verdes de Copacabana e punha-se à disposição do fotografo. Então, falou-nos das saudades do coqueirais chorosos de Pernambuco, à tardinha, na praia de Olinda, mais parecendo um coro atormentado de violinos...

Falou-nos da falta que sentiu das coisas brasileiras, quando na America... E quando o reporter lhe perguntou si já havia encontrado a Felicidade, sorriu e respondeu...fazendo a mesma pergunta ao reporter... Confirmou seus propositos de embarcar para Hollywood dentro de três meses. Passou por alto a "situação presente" do mundo



LEONORA AMAR DE VOLTA A HOLLYWOOD

por José Lucas

e confessou na sua opinião : os homens deviam ser melhores... — Qual a sua maior predileção? E "a estrêla": A minha arte... Mas primeiro minha mãesinha e meus irmãos...

A noite ia caindo lentamente como uma grande lagrima silenciosa de saudade. Leonora sorria sempre. Havia um que de magia secrêta, espalhando-se à face do oceano.

Nesta página, varias poses de Leonora Amar, especiais para A CENA, ainda no seu apartamento, na praia e num ensaio da Urca.



SWING - FAN

por SYLVIO CARDOSO
e ARY VASCONCELOS

O QUE VAI PELA TERRA DE TIO SAM

O vocalista Dick Haymes está filmando *Command Performance*, nos estúdios da 20th Century Fox. A banda de Jimmy Dorsey também figura nesse celulóide.

O veterano *drummer* de Chicago, George Wettling, depois de atuar uns dias com Benny Goodman, ingressou na orquestra de Johnny Long.

People Will Say We're In Love, um dos grandes sucessos do momento nos EE. UU., acaba de ser gravado para a Decca por Bing Crosby e Trudy Erwin. A outra face do disco intitula-se *Oh! What A Beautiful Morning*.

SWING NA TELA

Alo, Belezas! — (Hello, Beautiful!) — Benny Goodman volta à tela, após ter figurado na *All American Swing Band*, que vimos há um ano atrás em *Cavalcada de Melodias*. O *Rei do Swing*, já com cara de vovô, mas em plena forma, apresenta-se nesta desinteressante película, comandando sua fantástica orquestra, e dando-nos a conhecer sua fascinante *canary*, a ruiva Peggy Lee. Peggy, com muita desenvoltura, canta *The Lady Who Didn't Believe In Love*, agradando 100%. A banda executa *Two O' Clock Jump*, e quase nos deixa carbonizados... Existirá nas enciclopédias um adjetivo que possa classificar o sólo de clarinete que Goodman executa? Perante um milagre desta natureza, respondam-nos: "Este homem deve ou não ser canonizado?". Os saxos, liderados por Hyman e Schertzer, revezam diabolicamente com o *brass*, enquanto a seção rítmica incendeia a própria atmosfera... Impossível de classificar é também o trabalho do quinteto em *I Know That You Know*. Benny se serve da oportunidade para nos mostrar o sétimo céu... Faz seu *debut* nesta película o vocalista Dennis Day, que canta (?) *Out Of This World*, *Three Dreams* e *Auld Lang Syne*. Com uma voz assim feminina e irritante, esse rapaz cava a própria sepultura...

Discos Em destaque

ODEON — (JANEIRO)

WOODY HERMAN

Lazy Rhapsody
Las Chiapanecas

FRED WARING

Brazil
So Beats My Heart

BERT AMBROSE

You Are Sunshine
Tomorrow's Sunrise

LOUIS ARMSTRONG

Mahogany Hall Stomp
Struttin' With Some Barbecue

HAROLD MICKEY

Johnny Zero
Comin' In On A Wing And A Pray'r

JUDY GARLAND

That Old Black Magic
Poor Little Rich Girl

CONNIE BOSWELL

Stormy Weather
String Of Pearls
BING CROSBY

I Surrender Dear
Conchita, Marquita, Lolita, Pepita, Rosita, Juanita Lopez.

PAUL WHITEMAN

Rhapsody In Blue (Two Parts)

ANDREWS SISTERS

That's The Moon My Son
Pennsylvania Polka.

RAY VENTURA

C'est La Premiere Fois
Un Petite Air.

COMPOSIÇÃO DE ORQUESTRAS

ARTIE SHAW

The Blues
Johnny Best, Malcolm Crain, Tommy di Carlo, trumpetes; Harry Rodgers, George Arus, trombones; Les Robinson, Tony Pastor, Henry Freeman, Jules Rubin, saxes; Les Burness, piano; Al Avola, guitarra; Ben Girsberg, contrabaixo; Cliff Leeman, bateria; leader e clarinete, Artie Shaw.

JOHN KIRBY

Can't We Be Friends?
Milumbu
Charlie Shavers, trompete; Buster Bailey, clarinete; Russell Procope, sax alto; Billy Kyle, piano; O'Neill Spencer, drums; leader e bass, John Kirby.

JIMMIE LUNCEFORD

Rock It For Me
Barefoot Blues
Gerald Wilson, Paul Webster, Snookie Young, trumpetes; Elmer Crumley, James Young, Russell Bowles, trombones; Willie Smith, Joe Thomas, Ted Buchner, Earl Carruthers, saxes; Edwin Wilcox, piano; Al Norris, guitar; Moses Allen, bass; Jimmy Crawford, drums; leader, Jimmie Lunceford.

CORRESPONDENCIA

THYERS KLEPPER (*Niterói*) — São estes os endereços das outras companhias de filmes: Universal (rua Senador Dantas, 39); United Artists (av. Rio Branco, 110/2); R. K. O. Radio (av. Rio Branco, 311); 20th Century Fox (rua do Passeio, 62); Metro (rua do Passeio, 62); Paramount (avenida Rio Branco, 247). Não nos consta que alguma destas agências esteja autorizada a fornecer fotografias de artistas. E, atendendo a seu gentil pedido, publicamos, respectivamente, nos números 40 e 52, as letras de *People Like You And Me* e *A Sinner Kissed An Angel*. Disponha sempre.

MARA (*Rio*) — A letra de *The Road To Morocco* está no número 30, e a de *Blue Tahitian Moon* deverá sair ainda. Ao seu dispôr.

(Continúa na página 30)

Melodias para você

PEOPLE WILL SAY WE'RE IN LOVE

Don't throw bouquets at me
Don't please my folks too much
Don't laugh at my jokes too much
People Will Say We're In Love
Don't sigh and gaze at me
Your sighs are so like mine
Your eyes mustn't glow like mine
People Will Say We're In Love
Don't start collecting things
Give my rose and my glove
Sweetheart they're suspecting things
People Will Say We're In Love

De Oscar Hammerstein
II e Richard Rogers

THE NIGHT WE CALLED IT A DAY

De Matt Denis

Authors and poets in prose and in rhyme
Seem to agree that night
Is the time of lovers' meetings
Romantic greetings
To my misfortune
I found this a lie
For it was night
When you whispered "goodnight"
A light of madness
Much too soon

There was a moon out in space
But a cloud drifted over its face
You kissed me and went on your way
The Night We Called It A Day
I heard the song of the spheres
Like a minor lament in my ears
I hadn't the heart left to pray
The Night We Called It A Day
Soft thru the dark
The hoot of an owl in the sky
Sad tho' his song
No bluer was he than I
The moon went down, stars were gone
But the sun didn't rise with the dawn
There wasn't a thing left to say
The Night We Called It A Day

N A G A S A K I

Hot ginger and dynamite
There's nothing but that at night
Back in Nagasaki
Where the fellers chew tobacco
And the women wicky wacky woo
The way they can intertain
Would hurry a hurricane
Back in Nagasaki
Where the fellers chw tobacco
And the women wicky wacky woo
Oh! Fujiama
You get a mommer
And then your troubles increase
In some pagoda
The order's soda
They kissee and huggee nice
By Jingol it's worth the price
Back in Nagasaki
Where the fellers chew tobacco
And the women wicky wacky woo.

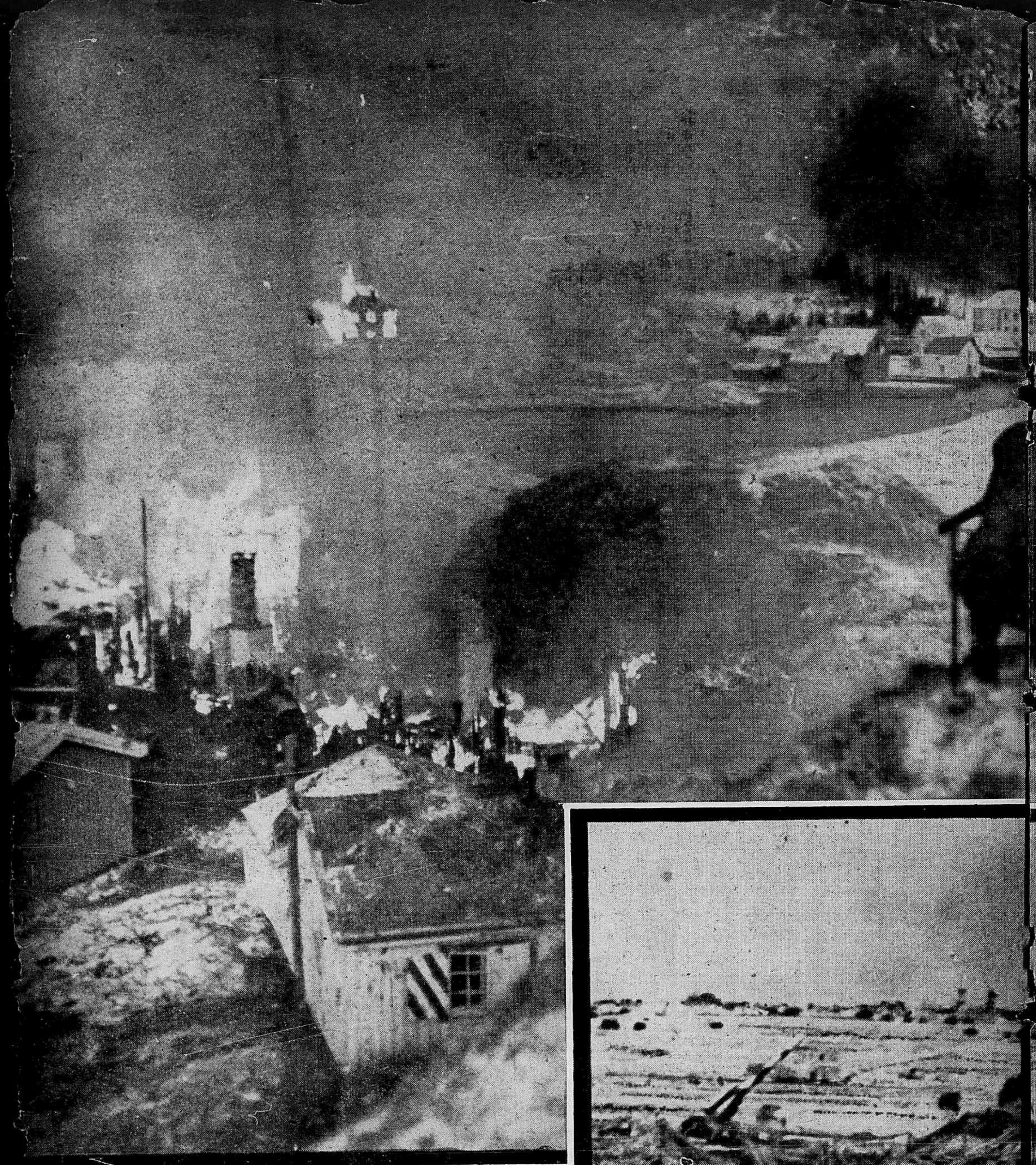
Lyrics by Mort Dixon
Music by Harry Warren



Hitler, como todo mocinho vaidoso, deve gostar de "bijouterie" motivo porque os pilotos britânicos, de muito boa vontade, oferecem-lhe vistosos "colares" iguais a esses exibidos pelos heróis da gravura. O flagrante é de um British Atualidades e foi-nos gentilmente cedido pelo Cineac Trianon, reprodução de uma fotografia oficial do Ministério do Ar da Grã-Bretanha.

Mas sendo dois os pilotos, é muito provável que um dos "colares" esteja destinado a "herr" Goering, irmão em "glórias" e nas "sujeirinhas" do façanhudo borrador de paredes onde um dia, já muito perto há de esfregar as próprias mãos com a bonita obra que fez...

UM "COLAR" PARA HITLER



A' direita, um documento da historica defesa de Malta, desenvolvida pelas tropas britanicas. Baterias anti-aéreas entram em ação, repelindo incursões de pilotos inimigos. Os canhões estão convenientemente "camouflados" e, à distancia, o "cliché" dá a impressão de estar despovoada toda essa extensa zona, ao contrario do que realmente acontece. (Fotos Cineac especiais para A CENA).





CINEGRAFIAS de GUERRA

Destemidos operadores cinematográficos têm exposto a vida para colher flagrantes que hão de ficar históricos, iguais aos apresentados nesta página. Os correspondentes de guerra, da Imprensa falada, escrita ou animada, terão seu lugar inconfundível entre os verdadeiros heróis desta guerra em que o Brasil está agora também diretamente empenhado. Contam-se às centenas os cinegrafistas mortos em campanha, ombro a ombro com os outros soldados, mas carregando apenas a sua "camera", para fixar no celuloide, a serviço da Posteridade, os grandes capítulos do imenso drama já no curso do seu quinto ano de sangue... Vêja-se este soberto aspecto, à esquerda, feito de uma pequena elevação, nos arredores de Napoles. A cidade está em chamas, a luta vai no período mais inflamado, a população desapareceu, o canhão continua troando, as metralhadoras pipocam e as labaredas sobem para o céu... Em meio a tudo isso, um "cameramen", indiferente à própria sorte, consciente do seu dever, expõe o peito às balas e não atira, mas vai filmando cinegrafias da guerra que nunca serão esquecidas. Há uma extraordinária predestinação nesses homens de cinema a serviço das gerações vindouras. Eles mostram que o cinema já deixou de ser, há muito tempo, um simples entretenimento....



A CENA Musical

Revestiram-se de grande brilho, as solenidades de formatura das diplomandas de 1943, na Escola Nacional de Música. A cerimônia de colação de grão, efetuada no salão Leopoldo Miguez, contou com a presença do sr. Ministro Gustavo Capanema, titular da Educação que foi o paraninfo das jovens professoras. A oradora, pianista Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves; representante da turma, pronunciou a bela oração que passamos a transcrever:

"Exmo. sr. Ministro Gustavo Capanema. Exmo. sr. Diretor da Escola Nacional de Música. Senhores professores. Colegas. Minhas senhoras. Meus senhores. — Neste instante inconfundível de vitória e de jubilo quiz a generosidade dos meus colegas fosse eu a interpretar dos sentimentos de todos, concedendo-me o desmesurado prazer de pronunciar aqui a mensagem da nossa gratidão ao passado e da nossa coragem ante os compromissos que hoje assumimos. Cumprindo esta nobre missão, devo lembrá-los, senhores, de que os músicos, em geral, são modestos e parcimoniosos de palavras, reservando a eloquência para quando se exprimem pelas vozes dos seus instrumentos. Assim, não usarei da retórica pomposa que não nos é própria, respeitando as proporções exatas do nosso sentir, singelo e puro como as melodias que formam a nossa índole e modelam o nosso pensamento.

Senhores, eis-nos chegados ao último capítulo da nossa vida escolar. Quão diverso do início, quando ingressámos nesta Escola, anônimos e cheios de medo, sem sabermos ao certo se obedecíamos a uma escolha justa entregando à Música os nossos destinos, e se possuíamos qualidades suficientes para corresponder aos esforços dos mestres. Aos poucos, porém, enriquecemos o espírito com as proveitosas lições recebidas. Penetramos, já emancipados pela técnica, no mundo extraordinário da ciência dos sons. Quase não sentimos a transição que nos aproximou da verdade artística, na realidade milagrosa das páginas de Beethoven, de Mozart, de João Sebastião B. C. O esplendor da vitória faz-nos esquecer as horas amargas, o trabalho estafante das lições quotidianas, o suor e as lágrimas que eram o tributo inevitável ao êxito da nossa aprendizagem. Mas tudo passou e, agora, temos novo roteiro a seguir, já sem timidez e sem medo, porque conhecemos as asperezas dos caminhos e recebemos dos mestres a luz capaz de anular todos os obstáculos.

Colegas, ditos aqueles que encontram na Arte o outro lado da vida. Somos desses bem aventurados que cultivam na Música uma religião. Se a vida é má e pífida a huma-

nidade, achamos conforto no exemplo de Beethoven, o Surdo Sofredor, que esmagou a maldade implacável do mundo com a sua obra titânica. Aqueles que não amam a Música, são como pobres criaturas sem alma, que erram os olhos ante um quadro maravilhoso. Eu, como cada um de vós, posso dizer com orgulho: AMO A MÚSICA.

S. Excia. o sr. Ministro Gustavo Capanema, a quem devemos a inextinguível honra de paraninfo a turma de diplomandos de 1943, traçou para a educação no Brasil as normas de um trabalho fecundo, as diretrizes de um aproveitamento integral e um ritmo compatível com a inteligência do nosso povo. A presença de S. Excia. entre nós, nesta hora tão significativa, mais do que um prêmio, é um incentivo aos nossos esforços de amanhã. Os grandes estadistas solidificam a grandeza de uma nação. O Brasil deve, a S. Excia.,

o sr. Ministro Gustavo Capanema; as forças intelectuais que impulsionam a nossa terra para um porvir glorioso, que robustecem os intuítos coletivos para as mais estupendas realizações, impondo o mérito da nossa raça ao conceito universal.

Ao nosso insigne paraninfo, portanto, rendemos as nossas primeiras homenagens e a afirmativa da nossa imperecível gratidão. Ao ilustre diretor desta casa, professor Antônio Sá Pereira, os agradecimentos comovidos de todos nós, pela clarividência com que nos acompanhou em todos os momentos da nossa carreira escolar. Reafirmamos o nosso respeito e inteira admiração aos homenageados. Aos demais professores da Escola Nacional de Música e aos funcionários deste estabelecimento, dirigimos igualmente as palavras que os nossos corações repetirão sempre: Gratos por tudo, tudo que fizeram por nós.



A oradora da turma, pianista Maria de Lourdes Gonçalves, quando era cumprimentada pelo ministro Gustavo Capanema e pelo diretor da Escola Nacional de Música professor Antônio Sá Pereira pelo brilhante discurso que pronunciou em nome dos seus colegas.



Um aspecto do baile de formatura das diplomandas da Escola Nacional de música, efetuado nos salões do Clube Ginástico Português.



Sta. Elge Agricola, eximia pianista, que colou grão nas solenidades de formatura da Escola Nacional de Música.



Entre as diplomadas da E. N. M. destacam-se a sta. Maria Aparecida Alvim Araujo, que completou o curso com as mais merecidas distinções.

E agora, colegas, antes da separação definitiva, permiti que vos fale, como c fazia antes, quando o crepusculo nos dispersava em

grupos, após as últimas aulas: ao findar de cada jornada, devemos agradecer a Deus, onipotente e misericordioso, a ventura de podermos efetuar nossos estudos, adquirindo os meios para concretizar nossas aspirações. Mas, não só a Ele, como àqueles que, cada dia, nos esperam no lar, um sorriso nos lábios, um estímulo no olhar, um carinho nos gestos e uma ternura na voz: os nossos pais. São eles, também, os heróis da peleja que hoje encerramos, pela conquista dos nossos diplomas.

Assim, prossigamos, sem temor nem fraquezas, esta nova etapa na trajetória da Arte. Concertistas ou professores, cabe-nos conservar intactos os motivos que nos conduziram até agora. A nossa missão, na Escola está finda. Temos outra, porém, e essa está acima de nós e só podemos cumpri-la mediante redobradas energias: colaborar no engrandecimento da música brasileira.

Ditosos, os que encontram, na Arte, o outro lado da vida. E bem aventurados os que conseguem, pelo valor e pela fé, dar uma vida útil aos interesses da Patria, desprezando os frágeis alicerces da vaidade, guiados pelo saber — que triunfa. Pela vontade — que constrói. E pela Arte — que dignifica.

E, agora, deixemos que a felicidade empelgue, inteiramente. Esta noite, esta festa, são brilhante e incomparável sinfonia — que jamais, jamais esqueceremos!"

O ministro Gustavo Capanema respondeu em magnífico improviso, fazendo um apelo aos jovens diplomandos para que se dedicassem, de maneira real e decidida, ao cultivo da Música pela cultura, conscientes das atribuições que lhes competem, como legítimos representantes da classe dos músicos.

Ambos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos.

Damos, a seguir, os nomes dos diplomandos da Escola Nacional de Musica da Universidade do Brasil, em 1943:

INSTRUMENTAÇÃO E COMPOSIÇÃO: — Alcietta Rongel de Moraes, Aurea Martins, Cybele da Silva Pinto, Maria de Araujo, Rosina Montefusco de Assis e Wether Carlos Politano.

PIANO — Adayr de Azevedo Martinez, Alcina Lima de Carvalho, Aleida Faillace, Alfredina Gonzaga de Oliveira, Alzira Figueiredo Carneiro, Anidracir Stamato da Fonseca e Castro, Arlêta Theotonia França de Mattos, Aurea Martins, Bertha Gandelman, Cléa Maria Leyraud Marquesi, Cyrene Mauro Carvalho, Edith Ferreira, Elge Agricola, Elza Hasson, Glória Isabel Bachur, Isaltina Botelho Duarte, Jeannette Herzog, Judith Lopes



Maria Regina Bevilacqua Land, com cinco anos de idade, cuja atuação no Instituto Nacional em 5 do corrente foi muito apreciada.

de Resende, Maria Amelia Carneiro Verissimo, Maria Aparecida Alvim Araujo, Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves, Maria de Lourdes Maffioli, Maria Julia de Souza Lima, Marmura Nascimento, Marzia Maiello, Milda de Araújo Fonseca, Nice Teixeira da Fonseca, Nícia Morisson Geraldês, Rosa Vitória de Castro Saldanha, Sula Jaffe, Sarah Zelicovich, Vera Maria Leyrand Marquesi, Yedda Seabra, Wuatuna Pinto da Fonseca, Zilla Paiva Moraes.

CANTO — Aida Ribeiro de Almeida, Dyonéia Travassos Guimarães, Edith Vasconcellos.

HARPA — Helda Corrêa Pinheiro.

VIOLINO — Rachel Rodrigues do Santos.

MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA

Correio dos Fans

RENATO DELMAR (Recife) — "A divorciada" e "Cativante viuvinha" são dois filmes diferentes de Norma Shearer. O segundo foi, efetivamente, a primeira versão de "Ultima conquista".

ta", por sinal que dele foram filmadas simultaneamente uma versão silenciosa e outra falada, no começo do cinema sonoro. Não existe nenhum filme de Mont-

gomery e Gable com o título "Dois ladrões". As fotos de Bob são raras, porque ele está nas forças armadas americanas. Mas o seu pedido será atendido.

MURIEL NIESS (S. Paulo) — Alan Ladd — Paramount-Studios, Gower Street, Hollywood, California.

L. MORE O CABRAL (Marília) — Vamos vê se podemos atender o seu pedido.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BÔAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos os votos de boas festas que nos enviaram as seguintes pessoas: Bibí Ferreira Lage e Carlos Lage, José Maria Domenech, Nilza Magrassi, Francisco Cupello e família, R K O Rádio Filmes, Heber de Boscoli, Djalma Maciel, Gomes Filho, Celso Guimarães, Cordelia Ferreira, Plácido Ferreira, Adalmir Miranda, Cecília Loureiro, Otica Brasil, Dalva Ventura, Sára Almada, Maurinha, Maria Reis, Rádio Sociedade Muriaé Ltda, Ribamar Lima.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Lembro-me tê-lo visto pela primeira vez, de pé, ao lado da carrocinha atulhada desses frutos; a roupa suja e brilhante pelo uso; vírio, o único olho que tinha, olha-me por esse lado da face, sem se fixar em coisa alguma, mas dando-me a impressão de tudo ver.

Recordo, também, o seu nariz engelhado, que um enxame de veias atravessava em todos os sentidos, indicando uma vida desregrada.

Não esqueci, igualmente, o hábito que tinha de ficar nalgum sítio próximo, à espera de que ele apregoasse a sua mercadoria. O seu pregão era sempre o mesmo. Com um repentino crispamento convulsivo que o inclinava para um lado, ao mesmo tempo que procurava inclinar-se para o outro, aspirava, com o único pulmão que possuía, todo o ar que esse órgão podia receber e projetava um tremido, gaguejante, asmático e desafinado pregão.

Uma série de sons que tornava impossível toda e qualquer interpretação.

Dentro daquele torvelinho poderia reconstruir-se qualquer coisa, como: "Tomates maduros!" O resto do pregão ficava completamente perdido.

E este homem ainda permanecia aqui! Resistiu através dos anos, do sol, das invernias e da neve, e ainda se mantinha de pé, unicamente um pouco mais decrepito, mais velho, mais obeso, com os utensílios menos limpos, os ombros mais redondos e o único olho menos vivo do que era.

Já não apregoa. Agora está tranquilo, de pé, envelhecendo e, também, por qualquer motivo desconhecido, a sua mercadoria já não parece tão boa como era em outros tempos.

Passou um carro e nele nos dirigimos, por Brixton, ao **O Elefante e o Castelo**, onde paramos, numa casa de café.

E' vulgar o negócio de café e chá na cidade londrina mas... mau chá e peor café.

Dentro do estabelecimento estão alguns pandegos e velhos ridículos, além de uma boa quantidade de mulheres pintadas, umas acompanhadas por rapazes e outras em busca deles. Alguns dos rapazes são coxos e outros ostentam o distintivo de honras militares. São vívidos e eloquentes casos e efeitos da guerra. Uns dos muitos estropeados. O espetáculo é doloroso para mim. Como Londres está triste! Gente de rostos cansados, estropeados, ao fim de quatro anos de guerra.

Alguem propõe visitarmos George Fitzmaurice, residente em Park Lane onde poderemos beber qualquer coisa e seguidamente regressar a casa e deitarmo-nos.

Saltamos para um automovel e depressa chegamos. Que diferença! Park Lane é um mundo novo, depois do que temos visto. Aqui estão as mansões dos milionários e dos ricos.

Fitzmaurice é um acreditado diretor de filmes. Encontramos em sua casa bastantes amigos e, entre **whisky** e sodas, falamos acerca da minha viagem. O nosso passeio através Kennington

sugere Limehouse e a conversação deriva para esse bairro e para Tomaz Burke.

Dizem-me as suas impressões de Limehouse: não é tão mau como muitas pessoas o têm descrito. Por acaso, perdi a calma nesta discussão.

Um dos que estavam na reunião, um ator, fala muito ironicamente deste romântico e dos seus habitantes.

— Para que havemos de falar das noites de Limehouse? Sempre julguei que os seus moradores fossem valentes, mas, afinal, são uns covardes — vozeou o abrutado ator.

E, seguidamente, começa a nos contar uma sua ida a esse bairro. Uma visita feita propositadamente para provocar desordens. Como tivesse lido que lá havia muito má gente, decidiu ele próprio ir convencer-se da existência dessa gente tão duvidosa. Disse-lhes que ia ali, propositadamente, para saber da sua valentia. Dirigi-me a um grande mandarim que se adornava com uma luxuosa pluma e gritei-lhe: "Apresente-me ao mais valente que tenha! Vocês gozam fama de o ser e eu quero conhecer esses valentes". Mas não me foi possível — ajuntou — conseguir que nenhum deles se movesse.

Isto, para mim, foi suficiente. Aborreceu-me.

Respondi-lhe que era muito fácil para os bem alimentados, sobretudo aos atores, mostrar valentia com essa gente faminta, amável e boa, embora rude, devido ao ambiente.

Perguntei-lhe té onde iria a sua valentia se tivesse de suportar a vida que algumas dessas desgraçadas famílias levam. Se não lhe era fácil, digerindo cinco refeições diárias, com os músculos adestrados e em boas condições, atrever-se a provocar aquela gente?! Talvez não tivessem sido valentes nessa ocasião mas, quando chega a guerra, quando vem o momento de perderem as pernas e os braços, então, sim, são valentes. O que eles nunca fazem é andar por aí em busca de desordens.

Isto fez, naturalmente, com que a reunião findasse; já me sentia, porém, tão desgostoso, que não me importei.

E... fomos do Park Lane ao Ritz.

No caminho, somos detidos por duas ou três raparigas. Teem no rosto gravado o que são, e não há equívoco possível no seu: "E' rapaziada! Vocês vão já para casa?!" Cumprimos-nos. Esperamos um instante. Param e acenam com as mãos. Dizemos-lhes que se aproximem.

— Por que andam ainda por aqui a estas horas? — perguntamos.

Percebe-se, nitidamente, que a nossa interrogação as confunde. Há já talvez muito tempo que ninguém duvide do que são. Não sabem o que nos hão de dizer. Somos diferentes dos outros homens. O seu processo vulgar de se dirigirem ou acariciar não parece adequar-se e, por isso, nada mais nos mostram do que um risinho falso.

Eis a vida na sua mais elementar crueza. Sinto-me otimamente disposto para com elas, talvez por ter discutido com o gastronômico ator

que procurava divertir-se à custa da fraqueza alheia.

Faz-se um doloroso silêncio. Uma das raparigas pede-me um cigarro. Robinson dá-lhes um maço, que distribuem entre as três. Isto entusiasma-as. Sentem-se melhor. A sessão inicia-se com todas as regras parlamentares que elas conhecem.

— Sabem onde poderíamos tomar qualquer coisa?

— Não! — respondemos.

A resposta desanima-as mas... só por um instante. Perguntam se nos podem acompanhar. Dizemo-lhes que sim e continuamos o nosso caminho até ao Ritz. Andam e riem. Depressa sou reconhecido. Já perderam a serenidade. Miram e remiram os seus sapatos cambados, pobres e rotos. Os seus vestidos, de tecido ordinário, classificam-nas entre as do seu ofício mas, a sua juventude é um fator de possível destaque quando se tenham habituado ao constante convívio com os homens e... então, serão eles quem as há de procurar.

Ao saberem quem sou portam-se cortezmente. Deixamos de ser possíveis clientes. Devemos ter sido, para elas, uma verdadeira aventura. Já não empregam termos de intimidade e mostram uma certa reserva que as torna atraentes, dentro da sua baixeza.

A conversação agora é outra, mais séria. Aproximamo-nos do hotel onde nos devemos separar. Mostram-se muito simpáticas e agradáveis e tão tímidas como donzelinhas saídas de um convento.

Falam-nos dos filmes a que assistiram. Uma delas, muito a medo, diz quanto gostava de me ver em "Armás ao ombro". Outra, conta-me o que chorou quando viu o filme "O garoto", dizendo-me que, nessa noite, tinha mandado algum dinheiro para casa destinado a um seu irmãozinho que andava no colégio e que ela mantinha com o que ganhava em Londres.

Existe agora uma diferença enorme entre o tratamento que me dão: "Mr. Chaplin" e o que nos deram com aquele: "E' rapaziada!"

Esta transição dispõe-me mal. Gostaria que fossem mais íntimas na sua conversação, de adivinhar as suas intenções e de lhes falar com toda a liberdade. São muito mais interessantes estas mulheres, do que muita gente que se conhece. Existe, porém, uma barreira. Continuam a ser reservadas. Digo-lhes que devem estar fatigadas e dou-lhes dinheiro para que se metam num carro.

Uma delas agradece por todas:

— Obrigadas, Mr. Chaplin, muito obrigadas. Veio em muito boa altura. Não tínhamos nem um ceitil.

As pobres não podiam compreender porque éramos atenciosos e carinhosos para com elas.

O mundo inteiro desconsidera estas desgraçadas raparigas cujas boas qualidades surgem à superfície logo que são alvo de uma desprezenciosa amabilidade. Qualquer coisa de belo e nobre oculta-se sempre sob o manto exterior da sua profissão.

Os agradecimentos são muitos, mas baixos. Não estão acostumadas a dá-los. O vulgar seria pagar-lhes, pagar bastante, por aquilo que nos davam. Desejamos-lhes "boa-noite". Sorriem e partem.

Afastam-se e nós observamo-las durante um instante.

De princípio vão devagar, comentando, talvez, a aventura. Repentinamente, como obedecendo a um sinal, apressam o passo e perdem-se no caminho de Piccadilly cuja iluminação, clara e grande, se reflete no céu escuro.

E' a luz do farol do seu campo de batalha a luz irresistivelmente tentadora que atrai, entontecidas, aquelas borboletas noturnas para onde há risos e alegria.

Assim pensando, chegamos ao Ritz.

Abençoada ignorância que lhes permite fazer tal vida na inconsciência do inevitável que as espera!

Ao entrarmos no hotel vimos um grande número de desgraçados que dormem, encolhidos, contra as paredes do edifício, ou sentados sob as arcadas e às portas. Homens e mulheres, velhos e novos, esqueléticos e rotos estão aqui tão desamparados e com o espírito tão obcecado pelo seu irremediável abandono que os torna insensíveis e lhes dá um embrutecimento que os torna felizes dentro do seu oceano de desditas.

A VIDA de CARLITO CONTADA POR ÊLE MESMO

Despertamos e damos dinheiro àquela pobre gente.

— Tomem. Procurem uma cama — dizemos.

Estão demasiadamente adormecidos. Agradecem maquinalmente ao receber o que lhes damos com uns movimentos e agradecimentos mais físicos que mentais.

Há uma velhota de uns setenta anos. Dou-lhe qualquer coisa. Desperta, mas ainda perturbada pelo sono, pega no dinheiro, sem uma palavra de agradecimento como se recebesse a sua ração de alimentos dada onde não é costume agradecer-se e enrosca-se depois, ficando mais encolhida do que antes, continuando o sono interrompido.

A indolência da miséria já havia muito se tinha apoderado dela.

Tocamos a campainha do Ritz, visto este não ser como os hotéis americanos que se conservam abertos toda a noite e onde os hóspedes podem entrar e sair a qualquer hora. O Ritz fecha à meia noite.

A noite, porém, ainda não acabara. Enquanto tocamos, a nossa vista é atraída por uma carroça que está um pouco afastada de nós e cujo cavalo escorregara. O carroceiro, encostado a uma das rodas, auxilia o animal a erguer-se e anima-o com frases carinhosas.

Aproximamo-nos e vimos que está carregada com maçãs, para o mercado. A rua, escorregadia, não deixa o cavalo vencer a subida.

Não posso, ainda que queira, deixar de pensar como este carroceiro difere da generalidade.

Não tortura o animal com uma chicotada, nem amaldiçoa a sua impotência. Viu que o cavalo não conseguia e, em vez de lhe bater, apeando-se meteu os ombros à roda, sem duvidar, um instante, que o animal tivesse feito quanto podia.

Todos nós, para auxiliar, encostamos os ombros à carroça. O carroceiro agradece-nos, quando, por fim, conseguimos dar ao carro o impulso suficiente para subir a calçada.

— Estes malditos caminhos — diz-nos o carroceiro — estão tão escorregadios que o pobre animal nem pode puxar.

Era, para ele, motivo de aborrecimento ter algum trabalho de demasiado esforço para o seu cavalo. O animal aparentava ter muito boa alimentação e tratamento. Não deixei, pelo menos, de verificar que estava muito melhor tratado do que o dono. A noite terminara. Acho que o incidente da carroça das maçãs está apropriado para um final de noite.

Na manhã seguinte tenho, pela primeira vez, que prestar atenção à correspondência recebida.

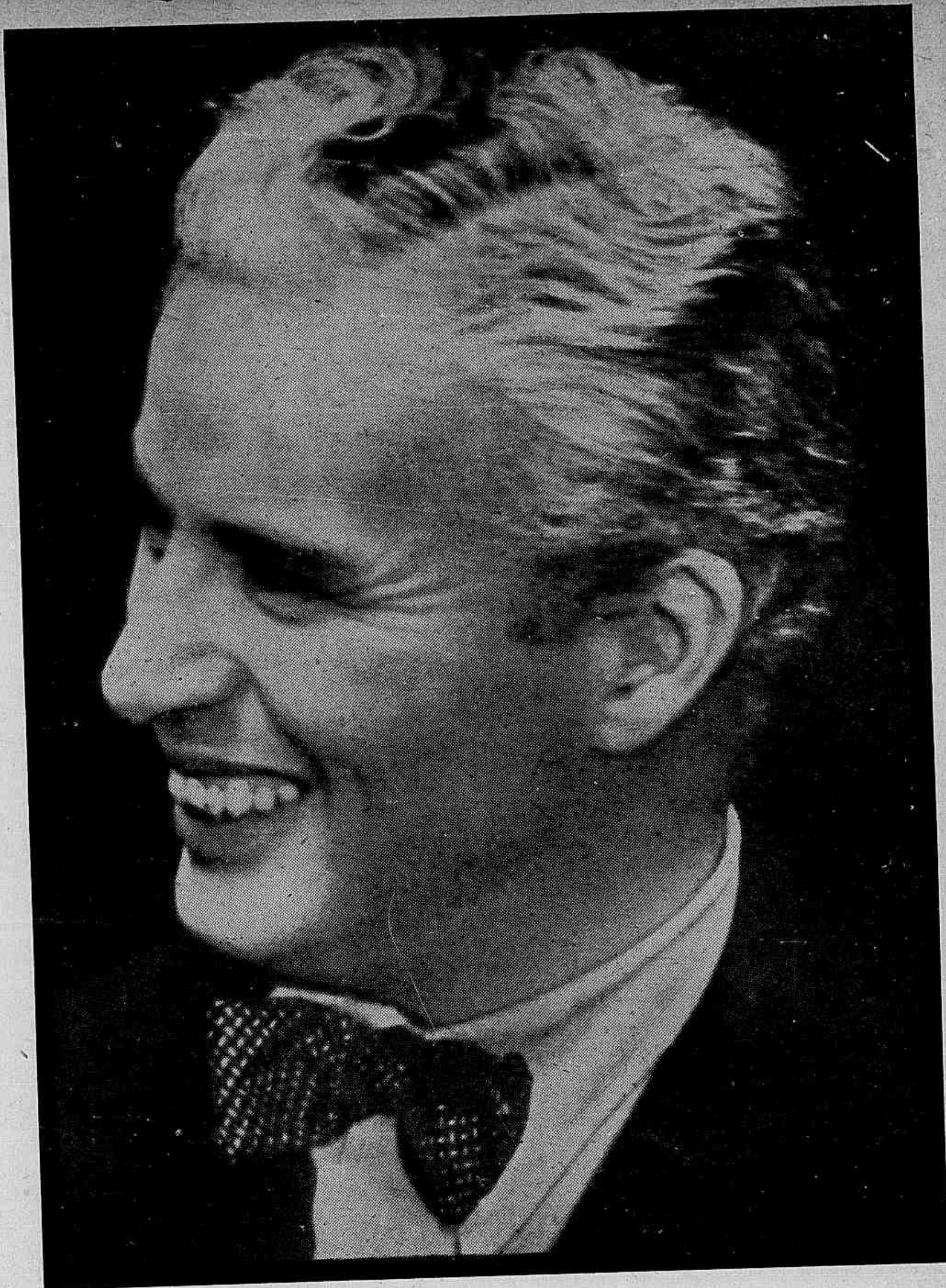
Fomos obrigados a tomar mais um quarto para termos um sítio onde guardar as numerosas sacas de correspondência que vão chegando. O monte de cartas é tal que tivemos de admitir meia dúzia de datilógrafas para as ler e classificar.

Entre cartas e bilhetes foram recebidas setenta e três mil, durante os três primeiros dias de Londres; destas, mais de vinte e três mil são pedidos desde uma até cem mil libras esterlinas.

Indescritíveis e variadíssimos são os motivos aduzidos. Algumas ridículas. Outras, cómicas. Umas patéticas. Diferentes, insultuosas. Todas escritas de boa fé. Pela correspondência descobri ter 671 parentes em Inglaterra, cujo paradeiro e origem ignorava. A maior parte são primos que me descrevem detalhadamente a árvore genealógica para comprovarem o seu parentesco. Todos querem que os estabeleça ou os faça entrar no cinema como atores.

Os meus primos, porém, não têm o monopólio do parentesco. Existem também irmãs, irmãos, tias e tios e mais de nove mães que me reclamam, relatando aventuras fantásticas, tais como, tendo sido roubado por uma caravana de ciganos quando ainda era bebé ou abandonado num portal. Começo, então, a cismar como a minha juventude foi turbulenta e movimentada. Este caso não me preocupa muito porque deixei, na Califórnia, desfrutando ótima saúde, uma boa mãe que, até agora, me tem satisfeito inteiramente.

Há cartas dirigidas simplesmente a Charlie Chaplin; algumas, ao "Rei Charlie"; outras, ao "Rei do Riso"; umas contendo o desenho de um esfiarapado chapéu côco; outras a reprodução dos meus sapatos e bengala e, em algumas, uma



Chaplin e o seu sorriso.

pena branca e a pergunta do que fiz durante a guerra (*).

"Visitaria tais e tais instalações?"

"Queria trabalhar a favor da obra de caridade tal e tal?"

"Dar o primeiro pontapé na bola na primeira partida de foot-ball da temporada?"

Também há cartas de boas-vindas; numa delas, enviam-me uma cruz de ferro com a seguinte inscrição: "Pelos seus serviços durante a Grande Guerra" e "Onde te encontravas quando a Inglaterra estava em luta?"

Outras há, ainda, que me agradecem a sorte que tenho proporcionado aos seus remetentes. Contam-se aos milhares. Um jovem soldado manda-me as quatro medalhas, ganhas, por ele, durante a guerra.

Diz que mas envia porque os meus méritos não foram devidamente reconhecidos. A sua ação foi tão pequena e a minha tão grande — junta — que pretende que eu possua a sua Cruz de Guerra, a regimental e outras medalhas.

Algumas das cartas são muito interessantes. Eis vários exemplos:

"Querido Chaplin: O senhor é o primeiro na sua categoria e eu na minha. As suas especialidades são os filmes e os doces. A minha, os moinhos de vento. Sei mais de moinhos de vento do que ninguém. Estudei todos os ventos do orbe e estou, atualmente, disposto a inventar

(*) Esconder a pena branca, significa dar provas de covardia.

um moinho de vento que servirá ao mundo de modelo e será fabricado de forma a poder adaptar-se aos ventos dos trópicos e das regiões árticas. Vou oferecer-lhe a oportunidade de se associar comigo, vantajosamente. O senhor terá só que abonar o dinheiro. Eu tenho o talento e dentro de poucos anos fa-lo-ei rico e célebre. Seria conveniente telefonar-me para resolvermos rapidamente."

"Querido sr. Chaplin: Pode facilitar-me a quantia suficiente para mandar o meu pequeno Oscar para o colégio? O meu Oscar tem 12 anos e todos os vizinhos dizem que é o pequeno mais esperto que tem conhecido. Imita o senhor tão bem que não temos necessidade de ir ao cinema. (Isto é perigoso. Oscar é um verdadeiro concorrente).

"Se não puder mandar o pequeno para o colégio, querará levá-lo para o cinema como fez a Jackie Coogan?"

"Querido sr. Chaplin: O meu irmão é marinheiro e o único homem no mundo que sabe onde está enterrado o ouro do capitão Kidd (*). Possui cartas de navegação, mapas e tudo quanto é necessário, inclusive uma pá e enxada, mas... não tem dinheiro para o barco.

"Querará o senhor pagar o barco e receber metade do ouro?"

(Continua no próximo número).

(*) Célebre pirata inglês.

Figuras e Gestos

1943 E O CINEMA BRASILEIRO

H U M B E R T O M A U R O

Esta foi a última crônica FIGURAS E GESTOS que fiz no ano de 1943, justamente entre os dias de Natal e Ano Bom.

Por isso mesmo quero aproveitar o ensejo para dirigir aos meus leitores, aos cinematografistas do Brasil e ao Cinema Brasileiro em geral uma calorosa mensagem de "Boas-Festas" e prosperidades no ano que ora se inicia.

Mais um ciclo de atividades findou e, podemos dizer, auspiciosamente. O Cinema Brasileiro fez progressos em 1943, temos que reconhecer. Os "shorts" foram feitos em número cada vez maior, e o que é mais interessante, de nível artístico e técnico cada vez melhor.

Alguns filmes de grande metragem foram dados ao público, com apreciável dose de aperfeiçoamentos. E muitos documentários — gênero de extraordinário futuro para a arte cinematográfica brasileira — foram confeccionados.

Num ano de naturais dificuldades, decorrentes do esforço de guerra, o Cinema Brasileiro não estacionou.

E' justo, portanto, que esperemos — com uma esperança solidamente fundamentada — um novo e mais positivo surto de progresso em 1944.

Para esse surto não faltam a boa vontade, a capacidade de trabalho e o talento cinemático dos nossos produtores, diretores e "cameramen".

Quero, também, fazer os mais ardentes votos para que este ano não falte o que tem faltado até agora e, pior ainda, se agravado nos últimos tempos, o elemento básico do cinema — o filme virgem.

Papai Noel, a sabedoria que prevê e provê os necessitados, há de saber prover ao menos — porque prever todos nós já previmos — o mercado brasileiro fartamente de filme virgem, sem o que nada poderá ser feito.

Ao transpor o limiar do ano novo, eu desejo agradecer o estímulo que tenho recebido dos meus ouvintes, que teem premiado generosamente o meu modesto porém esforçado trabalho de discutir e informar sobre os problemas e principais assuntos que interessam ao Cinema Brasileiro.

Esse prêmio tem sido o magnânimo ato de ler... Voltaire contentar-se-ia com cem leitores... Eu me contento com menos, desde que cada um possa ter encontrado algo de útil e realmente instrutivo em minhas crônicas.

FIGURAS E GESTOS é uma tribuna que está aberta permanentemente à opinião popular.

Mandem as suas impressões, as suas opiniões, as suas colaborações e também as suas consultas, às quais terei o máximo prazer em responder, com os elementos de que disponho sobre cinema.

Uma pergunta dará sempre motivo para inúmeras informações, quando não para uma crônica inteira.

Reitero, portanto, os meus votos de saúde e prosperidade aos leitores de FIGURAS E GESTOS, e envio uma entusiástica mensagem ao Cinema Brasileiro, encerrando os mais ardentes votos de franco e decisivo progresso para 1944, mensagem de sinceridade, que parte de alguém, como eu, que tem servido incansável e conscienciosamente, por longos anos, o Cinema Nacional.

Acontece, porém, que os americanos começaram a colocar a trilha de som do lado esquerdo e os europeus do lado direito...

O Congresso de Budapest estudou tecnicamente o caso e resolveu adotar universalmente o sistema americano: a pista sonora do lado esquerdo.

Para a verificação do sistema — isto é — constatar o lado da trilha-de-som, o observador deve se colocar atrás da máquina de projeção com a frente para a tela.

A reunião que resolveu a normalização do filme estreito, foi realizada a 5 de Setembro de 1936, no Hotel des Ingénieurs et Architectes Hongrois, sede das Reuniões do Congresso, sob a presidência do dr. Rahts.

Compareceram delegados dos Comités Nacionais dos seguintes países: França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Dinamarca, Estados Unidos, Holanda, Hungria, Tchecoslováquia e Suécia.

Os delegados, por unanimidade de votos, aprovaram — sobre o filme estreito — as seguintes decisões:

1.^a — Foram convidados os Comités de todos os países a adotar as normas do Sistema Americano — Trilha de som do lado esquerdo.

Ficou compreendido que essas normas, referentes ao filme preto e branco, deverão ser integralmente aplicáveis ao cromofilm, desde que o princípio do processo da reprodução das cores não se opuser de uma maneira absoluta.



Uma cena de "E' proibido sonhar", filme nacional realizado em 1943.

Quero aproveitar, agora, o resto do espaço de que disponho para responder a uma consulta recebida já há bastante tempo e que se prende a **resoluções técnicas** tomadas na reunião do Congresso de Budapest, realizado a 5 de Setembro de 1936.

Eu, francamente, sei apenas que, entre outras resoluções, foi tomada uma, importantíssima. Essa resolução, importantíssima, foi **padronizar** o filme estreito, **sub-standard** — o filme de 16 mm. **sonoro**.

Ficou adotado universalmente o **Sistema Americano**, isto é, — a **pista sonora do lado esquerdo**.

Quando se cogitou de sonorizar o filme de 16 mm., surgiu logo o problema técnico da colocação da pista sonora. No de 35 mm. ficou desde logo universalmente adotado para a colocação da trilha de som o lado direito, sendo que a pista comeu quasi três milímetros na largura do quadro.

No filme de 16 mm., a perda de 2 ou 3 milímetros na largura do quadro, para a colocação da pista de som, tornaria o filme praticamente impraticável. A técnica, então, resolveu o seguinte: aproveitar um dos lados da perfuração. Ficou, assim, o filme de 16 mm. **sonoro** com a perfuração de um lado só. Resolução magnífica: a tração continuou perfeita, tanto para a tomada de vista quanto para a projeção, o quadro não sofreu alteração nas suas dimensões e a pista sonora ficou quasi que com a mesma largura da do filme de 35 mm.

2.^a — Os Comités Nacionais se obrigaram a não modificar em menor algum, pelo menos dentro de um período nunca inferior a 10 anos, as normas adotadas oficialmente pelo Congresso.

3.^a — Se por imperiosas razões, impostas por uma técnica nova, um dos Comités Nacionais achasse necessário operar modificações nas normas adotadas, não o poderia fazer senão depois de deliberação exclusivamente tomada sob os auspícios da I. S. A.

Aí está tudo o que sei sobre o Congresso de Budapest.

Já que estou com a mão no assunto, quero aconselhar às pessoas interessadas na aquisição de aparelhos sonoros de 16 mm. o seguinte: Não sendo o aparelho americano — sendo europeu — verifiquem se o dispositivo de som está de acordo com o sistema americano.

Deve haver ainda, na praça e mesmo com particulares para venda em segunda mão, aparelhos europeus fabricados antes das reuniões de Budapest.

A aquisição de um desses aparelhos acarretará outras despesas e amolações sérias, como por exemplo: a compra de prisma para a inversão da imagem no ato da projeção ou a necessidade de dar uma volta no filme antes do dispositivo sonoro, o que poderá causar avarias nas cópias.

TECNICA — INTERLUDIO — DEPOIS RUÍDO EM PARQUE DE DIVERSOES, REALEJO — MURMURIOS

GERALD — Papai, paisinho... Aqui estamos, papai!

LENI — Chegamos ao mesmo tempo, mr. Newcome!

NEWCOME — Então, que me contam? Divertiram-se muito?

GERALD — Oh, muito, papai! Fomos na montanha-russa duas vezes... Quasi subí às nuvens! *(Ri)* Depois andamos nos cavallinhos... Hein, Leni? O meu cavallo passou o seu... Ouviu? Quando ganhamos a corrida, o meu cavallo rinchou...

NEWCOME — Não diga... Mas os cavallos são de páu, como podem rinchar?

GERALD — Ah, mas o meu é de verdade... *(Ri)* E olhe, encontrei estes búcios muito bonitos... Está vendo?

NEWCOME — Então? Ele portou-se direitinho? Não teve medo de nada?

LENI — Não... Só no começo estava com certo receio das ondas, mas acabou achando graça de tudo... *(Ri)*

NEWCOME — E' o que sempre faço com elle! Quando está com medo, faço-o achar graça... *(Outro tom)* E' interessante como a senhorita compreendeu logo que devia fazê-lo divertir-se... em lugar de se assustar!

GERALD — Pô nha no ouvido este búcio, papai! Não está ouvindo nada? Engraçado, não é? Tenho outros aqui no bolso...

NEWCOME — Estou ouvindo uma voz, sim... Uma voz que nos chama para casa! *(Ri)* Bem, vamos andando... Está em cima da hora!

LENI — Já vão? Que pena!

NEWCOME — Bem, mas na proxima sexta-feira voltaremos... e espero encontra-la melhor! Ande, despeça-se de miss Leni...

GERALD — Adeus, miss Leni... Gostei muito da senhora...

LENI — Adeus, Gerald... E não se esqueça desta sua amiga que vai pensar muito em você...

(Riem todos — E os ruidos aumentam para dar lugar a:)

TECNICA — INTERLUDIO

JESSICA — Bem sabe que o menino não pode tomar sorvete... Faz-lhe mal... Para que o deixou fazer o que bem entendeu por lá?

NEWCOME — E então? Adoeceu, por acaso? Não, não é? Logo, não fez mal nenhum!

JESSICA — Sim, mas a senhora Gabriel disse-me que o viu por duas vezes tomando sorvetes... refrescos... Pode apanhar uma pneumonia!

NEWCOME — E que tem a senhora Gabriel com isso?

JESSICA — Depois, disse-me que viu Gerald fazendo um barulho medonho, montado num cavallo de páu.

NEWCOME — Ora, ora! Fêz barulho divertindo-se, agora está socegado. Que quer mais você?

JESSICA — Socegado até demais... Acho que é do sorvete!

NEWCOME — Não seja implicante, Jessica! Ele adormeceu tranquilo e satisfeito, teve um dia cheio... Depois, ela o tratou tão bem... Distraiu-o bastantel!

JESSICA — Ela... quem, David?

NEWCOME — Ora essa, já não lhe disse também?

JESSICA — Já sei... A tal mulhersinha que a senhora Gabriel viu com vocês, não é?

NEWCOME *(Resmungando)* — A senhora Gabriel outra vez! *(Outro tom)* Sim, uma cliente minha... E depois? Que tem isso?

JESSICA — Uma cliente! Que espécie de môça, David? Gente direita, hein?

NEWCOME — Gente direita? *(Outro tom)* Sim, naturalmente...

JESSICA — E... môra sosinha em Sandmouth? A que familia pertence?

NEWCOME — Francamente, não procurei saber... Acho que não tem ninguém a seu lado.

JESSICA — E'... môça de recursos?

NEWCOME — Oh, pelo contrario! Mas para que esse interrogatorio?

JESSICA — Sua cliente... Sem recursos... Por isso não lhe apresenta a conta!

NEWCOME — Pobre môça! Inspirou-me piedade... Está procurando emprêgo, como poderia pagar-me? Precisamos ser um pouco humanitarios, Jessica!

JESSICA — E tem boa aparência, ao menos?

NEWCOME — Aparência? *(Surpreso)* Também não me dei ao trabalho de reparar!

JESSICA — Você nunca repara em coisa alguma!

NEWCOME — Mas si você quer tanto saber... pergunte à senhora Gabriell! Ela deve estar bem informada... *(Passos afastando-se).*

JESSICA (*Passos acompanhando-o*) — Escute, David... Si essa môça tratou tão bem o pequeno como você diz, talvez quizesse vir para cá... não lhe parece?

NEWCOME (*Surpreso*) — Vir para cá?!

JESSICA — Sim. Dê-me o enderêço dela. Quero escrevêr-lhe.

NEWCOME — Mas que enderêço, criatura?

JESSICA — O enderêço dessa môça... Acha que ela aceita?

NEWCOME — Aceita o quê? Não a compreendo...

JESSICA — Ser governante de Gerald... Não lhe parece uma bôa idéa?

NEWCOME (*Sempre surpreso*) — Governante de Gerald... (*outro tom*) E' mesmo! Sim... Nem havia pensado em tal coisa... O'tima idéa!

JESSICA — Você nunca pensa em nada! Então, e o enderêço?

NEWCOME — Dêvo tê-lo por aí, na minna pasta... E' numa casa de pensão, procure-o.

JESSICA — Mas preciso saber o nome todo...

NEWCOME — Chama-se Leni! O sobrenome, esqueci... Mas espere... (*Passos, procura entre os papeis da pasta*). Deve estar aqui... Não, não é este... Pronto, achei! Cá está tudo: Nome e endereço.

JESSICA — Deixe vêr. (*Um tempo*) Hun! Parece nome estrangeiro... Será alguma africana Selvagem? (*Fala Maliciosa*)

NEWCOME — (*Seco*) Não. E' austriaca.

JESSICA — O'timo... Vou escrever-lhe amanhã... Agora estou com uma pontinha de dôr de cabeça... Mas será que ela entende uma carta em inglês?

NEWCOME — Entende, sim. (*Outro tom*) Mas que é isto? Leu este jornal, Jessica?

JESSICA — Não... Nem lhe passei os olhos...

NEWCOME — Escute... "*Complica-se a situação. O assassinato do arquiduque Ferdinando da Austria por um estudante sérvio faz admitir a possibilidade de vir a deflagrar-se a guerra Europeia...*" (*Outro tom*). Mas é horrível!

JESSICA — Não acho! Isso são coisas que não me preocupam... Vou dormir. Você ainda fica?

NEWCOME — Irei já... Quero acabar de lêr esta noticia...

JESSICA — Então não se esqueça de fechar a porta quando viér. Até já. (*Passos*)

NEWCOME — Mas é horrível... (*lendo*) (*Acusam-se os terroristas servios da pratica do crime...* *Prenuncios de mobilisação geral...* (*outro tom*) E' a guerra!

TE'CNICA — INTERLUDIO. C. REGRA: PORTA E PASSOS.

NEWCOME (*Passos vindo*) — Pode entrar, Leni... Jessica, aí está a môça de que lhe falei!

JESSICA — Que espere um instante. Já vou. (*Fala de 2.º plano*).

NEWCOME — Espere um instantinho, Leni... Ela vem já.

LENI — Não a encomode, mr. Newcome! Eu espero... (*Passos*)

NEWCOME — Pode sentar-se, deve estar cansada... Ah olhe, aí está!

JESSICA (*Passos vindo*) — Bom dia... Desculpe fazê-la esperar! Estava ocupada.

LENI — Oh, senhora...

NEWCOME — Jessica, minha mulher... A senhorita Leni...

JESSICA — Espero que tenha feito bôa viagem.

LENI — Obrigada...

GERALD (*Passos vindo, correndo*) — Leni... Você chegou, Leni? Que bom!

LENI — Oh, Gerald... Como vai você, queridinho? Estava com saudades suas!

JESSICA — Que é isso, menino? Que modos são êsses? Parece um tufão...

LENI (*Ri*) — Oh, deixe-o... Parece bem disposto! E' muito esperto, seu filhinho...

JESSICA — Mas que cara suja, Gerald! Vá já lavar esse rosto e essas mãos...

GERALD — Ora, namãel! Eu estava brincando...

LENI — Se me dá licença... Eu itei com êle. Vamos Gerald... Quer levar-me?

GERALD — E' lá dentro, no meu quarto... Que bom! Miss Leni chegou! (*Passos indo*).

JESSICA (*Com ironia*) — Parece que se dão muito bem... Estou gostando...

NEWCOME — Não lhe disse? Acho que você teve uma excelente idéa!

JESSICA — Escute... Susan está pondo a mêsa. Você acha que essa môça deve comer conosco, ou com Susan na cosinha?

NEWCOME (*Rapido*) — Conosco, naturalmente! Por que não?

JESSICA — Está bem. (*Outro tom*) Susan... Pô nha outro prato e talher.

CRIADA (*Rispida*) — Vai ter visita? Não sabia!

JESSICA — Não. E' para a nova governante de Gerald.

CRIADA (*Vivivelmente contrafeita*) — Ahn! (*Passos rapidos afastando-se*) Vai ser tratada como de casa... Não vou com a cara desra sujeitinha!

TECNICA — INTERLUDIO

C. REGRA — ESCUTAM-SE GARGALHADAS DE GERALD E LENI E PASSOS DE AMBOS ENTRANDO.

LENI — Então, Gerald? Gostou do passeio?

GERALD — Oh, Leni... Gostei Muito! Amanhã vamos de novo?

LENI — Si fizer bom tempo... (C. regra: *Ligeiros acordes de piano*)

GERALD — Leni... Você toca piano?

LENI — Brincadeira!

GERALD — Ah, toque Leni! Você sabe, sim...

LENI — Só para você é que eu sei! Mas não diga nada...

C. REGRA — *Ao piano, uma pequena melodia. Enquanto ela se executa entra...*

NEWCOME (*Passos vindo*) — Bravos! Não sabia que também tocava piano... (*Palmas*)

LENI (*O piano cessou*) — Não brinque, mr. Newcome! Estava distraindo Gerald...

GERALD — Ela sabe sim! Leni sabe de tudo... (*Ri*)

NEWCOME — Qualquer dia faremos um dueto! (C. regra: *violino*) Com o meu violino e o seu piano... (*Ri*)

LENI — Ah, toca violino, mr. Newcome?

NEWCOME — Tocar é força de expressão... (*Ri*)

GERALD — Papai toca, sim! Mamãe é que não gosta de música... Diz que faz muito barulho e lhe dá dor de cabeça...

NEWCOME — Psiu! Mas agora sua mãe saiu... Tóque mais um pouco, Leni, enquanto vou atender uns clientes na outra sala. Eu a ouvirei de lá...

LENI (*Piano novamente*) — Mas eu nunca estudei música... Tóco de ouvido!

NEWCOME — Mentira! Toca e muito bem... Uma ideia! Vou falar com Jagers, o organista da igreja... Ele poderá dar-lhe umas lições e Gerald também aprenderá! A não ser que ele já lhe esteja dando muito trabalho...

LENI — Oh, por isso não! Gosto muito dele... e gosto de estar aqui, em sua casa, mr. Newcome!

CRIADA (*Passos vindo — Rispida*) — Doutor Newcome... A sala de espera está cheia!

NEWCOME — Sim já vou. (*Outro tom*) Pois é! Falarei ainda hoje com Jagers!

LENI — E' muito amavel...

CRIADA — Estão chamando com urgencia, doutor Newcome!

NEWCOME — Está bem, estou indo... Não precisa exaltar-se, Susan! (*Passos indo*).

GERALD — Então, Leni? Não vai tocar mais?

CRIADA — Senhorita... A patrão já chegou e quer lhe falar.

LENI — Sim... (*Outro tom*) Vamos lá, Gerald? Mamãe está chamando...

CRIADA — Não... A patrão está chamando só a senhorita! O menino fica!

LENI — Ah... (*Outro tom*) Eu volto já, Gerald! Espere um momentinho só! (*Passos*)

CRIADA — Ele espera, sim (*Rispida*) Quietos, ouviu? Nada de choro!

TECNICA — INTERLUDIO RAPIDO

C. REGRA: BATIDA NA PORTA.

JESSICA — Pode entrar...

LENI (*Porta e passos*) — Dá licença? Mandou chamar-me, madame?

JESSICA — Sim, mardei. Um momento. (*Passos*) Pronto, podemos conversar. Pedí-lhe que viesse ao meu quarto porque... acho que devemos entender-nos melhor.

LENI — Pois não, madame!

C. REGRA — ESCUTA-SE TECLADO DO PIANO MARTELADO POR CRIANÇA.

JESSICA — E' o Gerald que está no piano?

LENI — Parece que sim... Vou dizer-lhe que fique quieto.

JESSICA — Não, não precisa. (*Ruido do piano cessou*) Escute, senhorita... Estou vendo que vem gostando aqui de Calderbury, não?

LENI — Oh, muito! Agora mesmo eu dizia exatamente isso ao dr. Newcome...

JESSICA — Ah, sim? E que lhe respondeu?

LENI — Francamente... parece que nem ouviu o que eu disse. Estava distraído.

JESSICA (*Intencional*) — E' sempre difícil fazê-lo ouvir o que se diz... E é pena. Depois acontece o inevitável... A's vezes tarde demais...

LENI — Mas que houve, madame? Aconteceu alguma coisa de grave?

JESSICA — De fato... (*Pausa*) Está surgindo agora uma pequena complicação...

LENI — Não a compreendo, madame!

JESSICA — E' desagradavel, bem sei. A senhorita não gostará de ouvir... E eu mesma

sinto constrangimento em dizê-lo. No entanto, é preciso. Não posso furtar-me a isso. A verdade senhorita, é que... não poderá ficar em nossa casa!

LENI — Não posso... Mas não compreendo...

JESSICA — Precisa retirar-se daqui e imediatamente.

LENI — Eu... ir-me embora? Quer dizer que... não continuarei aqui dentro?

JESSICA — Exatamente. Não poderá continuar em nossa companhia.

LENI — Mas... por que, madame?

JESSICA — Por que? Bem... É melhor não entrarmos em pormenores. Fiquemos por aqui mesmo, sumariamente...

LENI — Mas assiste-me o direito de saber! Que houve, afinal?

JESSICA — Não... Nada... Apenas acontece... que rão lhe podemos pagar o ordenado que se combinou!

LENI — Mas será realmente êsse o único motivo? Bem si me permite... E si estiver de acôrdo... poderei trabalhar mesmo de graça... Terei muito prazer porque me estou dando tão bem... E afinal, gosto do menino...

JESSICA — Não insista, senhorita. Peço-lhe que se retire amanhã mesmo. Receberá um mês de ordenado.

LENI — Mas eu desejaria que me explicasse... Por favôr... Peço-lhe... (*Solução*).

JESSICA — Acho que nada mais temos a conversar... Pode retirar-se, senhorita!

TECNICA — INTERLUDIO — DEPOIS CHUVA TORRENCIAL

NEWCOME — A senhorita... Aqui, debaixo desta chuva? Mas que é isso? Chorando? Que aconteceu? Que houve?

LENI — Oh, mr. Newcome... Vim espera-lo aqui fóra... Pensei que não viesse mais... (*Soluçando*).

NEWCOME — Os doentes me atrazaram um pouco... Mas que foi, corte-me?

LENI — Sua senhora ordenou que eu me vá embora de sua casa amanhã mesmo...

NEXCOME — Que se vá embora! Mas por que?

LENI — Não sei... Alegou... que não me poderia pagar o ordenado...

NEWCOME — Que não pode pagar! (*Ri*) Mas que tolice! Deve existir algum engano.

Podemos, naturalmente que podemos! A razão deve ser outra...

LENI — Não sei... Mas sei que tenho de ir me embora...

NEWCOME — Então, acalme-se! E nada resolva sem primeiro eu falar com ela e tudo esclarecer... Vamos, limpe esses olhos e entre, a chuva aumentou...

TECNICA — CHUVA AUMENTOU — E INTERLUDIO — DEPOIS PORTA E PASSOS

NEWCOME — Escute, Jessica... Soube agora que você despediu Leni, por que motivo?

JESSICA — Mas que é isso, David! Trate de limpar os pés no capacho... Está molhando todo o tapete... E êsse guarda-chuva respingando! Por favôr!

NEWCOME — Bem, mas não desvie a conversa... Que houve, afinal?

JESSICA — Não vê que estou ocupada? Tirei a noite para preparar os convites da proxima recepção... Olhe, ajude-me a endereça-los que é melhor!

NEWCOME — Pouco estou ligando aos seus convites e á sua recepção! Por favôr, responda ao que lhe perguntei!

JESSICA — David, a dona da casa sou eu. Parece-me que fiz o que era de meu dever. (*Outro tom*) Mas vamos, está estragando todo o tapete! Olhe esse calçado...

NEWCOME — Você alegou que não podíamos pagar-lhe o ordenado... Não é verdade, bem sabe! Depois, o menino gosta tanto dessa pobre moça... Por que fez isso?

JESSICA — A ela, eu dei a razão que me convinha dar. O resto pouco importa.

NEWCOME — A mim importa muito! E qual foi nesse caso a verdadeira razão?

JESSICA — Será preciso que eu a diga? (*Fala com ironia*).

NEWCOME — Si não fôsse, não lhe perguntava!

JESSICA — A verdadeira razão é que nem toda a gente é realmente o que parece ser!

NEWCOME — Onde quer chegar, Jessica?

JESSICA — Ignora, acaso, que essa criatura trabalhou em teatros da mais baixa espécie... E lidou com toda a classe de gente? Não sabe que ela perdeu o ultimo emprego por tentar suicidar-se? Será que tudo isso o surpreende?

NEWCOME — Realmente, tudo isso eu já sabia.

JESSICA — Ah, sabia... E nada me disse!

NEWCOME — Não costumo preocupar-me com a vida íntima de meus clientes...

JESSICA — Mas como você é bondoso, David! Como sabe considerar os estranhos! É pena não fazer o mesmo com a sua familia! Acha então que uma réles dansarina estrangeira, uma criatura qualquer, serve para cuidar de seu filho, uma criança nervosa, doênte, exquisita, como a nossa? Acha, porventura?

NEWCOME — Acho é muito estranho... como se pode dar tanta importancia a uma triste verdade que em nada deve prejudicar a vida de uma criatura de bons sentimentos!

PARA 4999 dos 5000 empregados (inclusive astros e estrelas) que trabalham nos estúdios da Metro em Hollywood, Walter Pidgeon é apenasmente *Joe*: é assim que todos o conhecem lá... Para ele também, quasi todos lá se chamam *Joe*, porque no seu caso seria bem difícil guardar 4999 nomes na cabeça, o que quer dizer que ele esquece tanto nome de tanta gente, mas lembra perfeitamente da fisionomia de cada um... Ele é aquele mesmo galã que já perdeu para outros iguais nada menos de 61 heroínas de filmes, antes de conhecer Greer Garson... Porém com relação a Hedy Lamarr, isto é, da vez que trabalhou com ela em *Demonio do Congo* (White Cargo) não foi feliz novamente: de forma que com a estrela de *Flores do Pó* e *Rosa de Esperança* voltou a filmar ainda *Madame Curie*, notando-se à parte que Culver City vem de anunciar-lhe uma nova película com a mesma consagrada *partenaire*... E' o artista mais alto dos estúdios da Metro (1m,93), só empatando em altitude com o estratosférico James Stewart (mas esse mesmo no momento está fora, servindo no Exército)... Pesa 93 kilos e tem pé "44"... Reside em Beverly Hills, numa casa estilo espanhol... Nada de piscina, nem campo para *golf*... *Joe* prefere a água, cheia de peixes, para pescar; e o terreno de chão duro, para andar a cavalo através de sua propriedade e jogar *tenis*... E' colecionador de livros sobre viagens, tendo mesmo viajado por quasi todos os países do mundo... Mal concluir os seus estudos na Universidade de New Brunswick, iniciava um longo período de *globe trotter*... De todas as regiões que visitou, tem mais gratas recordações das Índias Ocidentais... De narrativas novelescas que tem lido, aprecia imensamente as que falam sobre o mar, como aquela de Forrest, *Capitão Horatio Hornblower*... Pidgeon é descendente de velhos lobos marinhos... Imitando antepassados seus, ficou 42 dias sem fazer a barba, para fins de filmagem do celulóide Metro Goldwyn Mayer *Demonio do Congo*, no qual aparece com Hedy Lamarr, Frank Morgan e Richard Carlson... Tendo nascido no Canadá, esse ator já mais encarnou um *role* sobre assuntos de sua Pátria, ou de um personagem canadense... A tuga ambição sua era ser repórter, mas viu que não dava para a coisa, depois que experimentou essa vida: o muito que trabalha e o pouco que ganha... Diz que gosta do *bel canto* e que já cantou uma vez com Elsie Jais, mas não sabemos como se safu... Fred Astaire, que já o ouviu cantar numa festa em Boston, há alguns anos atrás afirma que é de fato um bom cantor... O nosso *Joe* sempre safu vencedor em todas as empreitadas em que se meteu... Em 1917 era Tenente do Corpo de Artilharia do Canadá... O dia de seu nascimento é 23 de Setembro... Vai ao cinema duas vezes por semana... O melhor filme que já viu... *E O Vento Levou* (naturalmente) e as melhores películas em que tomou parte: *Flores do Pó*, *Rosa de Esperança*, *Como era Verde o meu Vale*, *Demonio do Congo* e *Madame Curie*. Em 1942 foi eleito, pelo *Comité do Dia dos Pais*, o *Pai do Ano* pela caracterização perfeita do pai inglês (Clem Miniver) em *Rosa de Esperança*... Quem cuida dos negócios financeiros de Walter Pidgeon não é ele, é um seu irmão... Gostos no vestir: ternos mais escuros e conservantistas, camisas brancas e gravatas discretas... Mas possui a coleção mais famosa em Hollywood, de pijamas em cores... E' amigo de contar anedotas jocosas... Quanto a cartas de *fans* se refere, que estes não lhe escrevam em termos demasiado elogiosos... Senão, dá-se o caso dele lhes responder mais ou menos nos termos em que certa vez escreveu o *Variety*: (e como o modesto ator gosta de repetir isso para todo o mundo): "Walter Pidgeon parece um pobre Abraham Lincoln dilapidado".



WALTER PIDGEON

Por isso, por tudo isso, por ser tão simples assim, o tipo do homem bonachão de Hollywood, é que nos estúdios da Metro o apelidaram *Joe*...
Em *Demonio do Congo*, o seu mais re-

cente trabalho, encarna o personagem que ficou célebre nos palcos americanos, europeus, africanos, asiáticos e australianos, o personagem *Witzel*, que levantou a fama de Clark Gable e Spencer Tracy anos atrás.

Ele chama-se WALTER "JOE" PIDGEON...

Valiosas aquisições da P. R. E. - 3



Entre as novas aquisições da P. R. E. — 3, que sob a orientação do dr. Nelson Dantas vem trazendo para os seus estúdios elementos do valor de Luiz de Carvalho, Alziro Zarur, Moreira da Silva e Gagliano Neto — figura em primeiro plano o jovem locutor Ique Dolar, já consagrado pelo grande público carioca.

O novo "speaker" da Rádio Transmissora, no intuito de generalizar a elegância da palavra entre os seus colegas brasileiros, acaba de lançar um livro técnico — "Como Falar Bem" (Manual dos Locutores) — decalcado nas obras de Le Gouven e de autores norte-americanos, que trataram já de tão interessante assunto. O livro, entretanto, apresenta para nós o ineditismo da novidade, pois que, apesar do progresso do nosso rádio, nada se tinha até então escrito a respeito.

Estampamos acima o retrato do jovem autor de "Como Falar Bem".

Aquêle telegrama chegou naquela tarde chuvosa. Era um despacho como milhares de outros que vêm diariamente, de vários recantos deste mundo congestionado, repleto de dias tumultuosos, de cuja geração Pierre Van Passen escreveu a biografia e deu-lhe um subtítulo bem expressivo, "biografia de uma geração desesperada".

Dizia que um avião de passageiros que regressava de Lisboa para a Inglaterra tinha sido bombardeado e entre as vítimas, ao que parecia, estava o ator Leslie Howard.

A notícia foi confirmada no dia seguinte. O notável artista cinematográfico inglês tinha sido vítima dos bandidos de Hitler, porque eles julgavam que Churchill viajava naquele aparelho.

E, então, passei em revista a vida artística daquele grande ator, patriota até a medula, e um dos primeiros a oferecer sua contribuição espontânea ao país, lutando por todos os meios ao seu alcance contra os inimigos daquela ilha heroica, cujos habitantes são de uma capacidade notável para suportar tudo o que a vida tem de doloroso, povo que, como diz Eric Knight, pôde ser vencido mas custará muito a deixar se abater.

Leslie Howard era um desses atores quasi ecléticos. Representava qualquer papel... Foi o Romeu, da obra imortal de William Shakespeare, Romeu e Julieta; em "Somos do amor" fez uma das suas poucas comédias, mas não decepcionou. E o mais curioso é que nessa alta-comédia ele apaiecia ao lado de Bette Davis, a grande atriz trágica, com a qual apaieceram antes, quando essa "estrela" fora cedida pela "Warner" à "R. K. O." para filmar "Of Human Bondage", aquela obra de Somerset Maugham traduzida para nós com o nome de "Serviço Humano" e o filme foi exibido aqui com o título de "Escravos do desejo". Ele, como o leitor deve estar lembrado, era Phillip, aquele personagem que não tinha força de vontade para esquecer a "garçonete" Mildred, que não valia coisa nenhuma, como muitas Mildreds que a gente encontra quasi diariamente, nos caminhos que percorre.

Mr. Howard era assim. Na Inglaterra, antes da guerra, encarnou o famoso personagem da Baroneza de Orczy, "O Pimpinela Escarlate", inimigo do Primeiro Ministro Chauvelin, ao lado da lindíssima Merle Oberon, hoje uma autêntica "Lady". Engraçado. Naquele filme era a esposa de um Sir Percy Blackney, que nas horas vagas era o celebre Pimpinela. Veja você! Agora é a esposa de um Sir Alexander Korda. Para certas pessoas, a guerra tem suas vantagens...

Nesta guerra, vários sinais de protestos apareceram na Ilha de John Bull.

Muitos soldados rasos, aqueles que nunca tinham encontrado um lugarzinho ao sol, passaram a estudar e aprender. E diziam que achavam que não valia a pena lutar para que uma porção de aristocratas agarrados a preconceitos imbecis continuassem nos seus pedestais.

Veio Dunkerque, cidades abertas da Grã Bretanha foram bombardeadas, inclusive a cidade-monumento, Coventry, reduzida a um montão de ruínas.

Mas as pessoas que sofriam necessidade continuavam a afirmar que os "granfinos" odiavam a guerra não porque ela custasse sangue, suor e lágrimas, mas porque não podiam obter sabonete alemão. Foi quando os escritores e o cinema começaram a sua obra. Eles tinham que convencer aos que afirmavam que depois da guerra, o país voltaria aos seus legítimos donos, isto é, aos senhores feudais, de que a hora não era para discussões. Precisavam primeiramente ganhar a guerra e depois



Leslie Howard e Rosamund John em "Por um ideal", o ultimo filme de Leslie Howard.

isso seria resolvido por eles e não pelo inimigo e que a Inglaterra nunca seria vencida porque jamais se renderia.

E o cinema teve a sua folha de serviços na Vitória que será dos Aliados em dias que não estão longe. Nessa luta Leslie Howard contribuiu com a sua cultura e com o seu valor artístico.

Vocês que a sistiram à "Invasão de Bárbaros" e "Mr. V" estarão de acordo conosco. E ele continuou a trabalhar pelo seu país. Regressou a Londres, fez-se diretor.

"Por um ideal" (Spitfire), seu ultimo filme foi um dos melhores celuloides de 1943. Foi uma despedida notável para um artista que

soube servir à sétima arte, um grande ator que colocou a sua arte na luta direta contra o nazismo.

As mocinhas que vão ao cinema ver mocinhos bonitos e cenas de jardins floridos, que acham que a vida é uma eterna brincadeira, não terão gostado do filme, mas nós, os que achamos que o cinema é um veículo de propaganda de grandes possibilidades, achamos que essa biografia de Reginald Joseph Mitchell, o engenheiro, ou melhor um técnico-desenhista de aviação inventor do "Spitfire", o avião que salvou a Inglaterra de ser invadida. A luta daquele homem simples e inteligente contra aquele ambiente de rotina, que não dava valor à inteligência e a ciência, apenas se subordinando a interesses privados e cheios de mesquizezas.

Um idealista como há muitos até mesmo neste setor da imprensa, apesar de muita gente pensa o contrário.

Discreto, bem realizado, poderoso, psicologicamente falando. Um grande filme enfim.

Realizando esse filme e interpretando o criador dos "cospe-fogo" que venceram a batalha da Inglaterra incluíram-nos na frase de Churchill:

"Nunca no campo dos embates humanos, tantos ficaram devendo tanto a tão poucos".

E nós e os demais povos livres do mundo também devemos gratidão a Reginald Joseph Mitchell.

Leslie Howard, um grande ator, um patriota de fibra finalizou sua carreira vivendo na tela uma figura que bem o merecia.

E, por nós, os verdadeiros "fans" dos artistas de verdade ele jamais será esquecido. E aqui está a pequena homenagem de um cronista cinematográfico brasileiro que o viu pessoalmente e sempre o admirou.

Outros poderão oferecer-lhe coisa melhor mas nós escrevemos este artigo com todo o coração.

E felicitamos a R. K. O. por haver lançado no Brasil essa película de Goldwyn produzida na terra do grande patriot...

**UM GRANDE ATOR, UM PATRIOTA
DE FIBRA E, AFINAL, UM HOMEM
QUE SOUBE HONRAR O NOME DO
SEU PAÍS, A GRANDE INGLATERRA**

De
Enéas Viany

HOMENAGEM A LESLIE HOWARD

Filme da Paramount, baseado na novela de Stefan Heym, dirigido por Frank Tuttle. Adaptação de Pery Ribas.

ELENCO:

Milada	LUISE RAINER
Paul Breda	ARTURO DE CORDOVA
Janoshik	WILLIAM BENDIX
Reinhardt	Paul Lukas
Marie	Katina Patinôu
Lev Preissinger ..	Oscar Homolka
Kurt Daluege	Reinhold Schunzel
Jan Pavel	Roland Varno
Glasenapp	Hans Conried

NO Café Manes, de Praga, em que Janoshik trabalhava como encarregado do porão, para poder encontrar-se ali com os outros patriotas, ocorrera naquele dia o desaparecimento misterioso de um oficial nazista. O tenente Glasenapp bebera muito e se dirigira ao sub-solo, mal podendo sustentar-se nas pernas. O serviçal que subia a escada no momento não ligou importância ao estado do oficial, acostumado como estava com aquelas bebedeiras dos alemães. E só voltou a pensar no tenente quando fez um sinal a Breda para acompanhá-lo ao porão. Só então lembrou-se do ébrio que não retornara ao bar e compreendeu que não poderia conversar com Breda enquanto o alemão estivesse lá em baixo. Era só o que faltava! O remédio era descer sozinho, para ver o que estaria fazendo o nazista.

E foi com assombro que Janoshik viu que o tenente Glasenapp havia desaparecido. Caminhou até a pequena porta que dava para o rio, pensando encontrar o oficial do lado de fora, abriu-a e passou os olhos no estreito cáis, à beira do Moldau, mas Glasenapp também ali não se encontrava. Subiu novamente ao andar térreo e chamou Breda.

Os dois patriotas conversaram apressadamente a respeito dos batelões com munições que estavam para chegar. Janoshik recebeu um endereço, que repetiu várias vezes até gravá-lo na memória. Depois, tratou de ver-se livre de Breda. Era preciso que este desaparecesse o quanto antes do café, pela porta do cáis. E mal Paul havia saído, o "bartender" descia ao sub-solo, perguntando a Janoshik pelo tenente. O serviçal, afim de ganhar tempo para Breda, começou a contar uma história ao "barman". Quando achou que Paul estava bem longe, finalizou a tal história — que de resto estava interessando ao "bartender" — e revelou-lhe a queima-roupa a terrível notícia: — o tenente Glasenapp desaparecera! O "barman" empalideceu. Deu as mesmas buscas que Janoshik já havia dado, mas não viu nem a sombra do oficial. Subiu nervoso para o andar térreo. Pela porta aberta, o serviçal pôde avaliar o efeito da notícia do desaparecimento de Glasenapp entre os seus colegas. Não tardou que outro oficial nazista — o capitão Patzer — viesse pessoalmente procurar o seu colega. E alguns minutos depois levava consigo Janoshik, depois deste ter explicado ao capitão nada saber sobre o paradeiro do jovem oficial, prontificando-se a acompanhar Patzer, confiante na sua aparência de homem inocente e bonachão, que era o seu melhor escudo para afastar qualquer suspeita dos conquistadores. Ele, apesar de tudo, andava sempre com um sorriso nos lábios e uma expressão no olhar de quem possui a consciência tranquila. Era um tipo curioso aquele pitoresco Janoshik.

Em consequência do desaparecimento do tenente, todos os presentes no Café Manes foram detidos. Até mesmo Lev Preissinger, um colaboracionista, que fez ver seus direitos, afirmando ainda ser amigo de s. excia. o maréchal Goering. Quanto a Janoshik, estava tranquilo. Tinha a certeza de que Breda não seria apanhado e ele, havia de recuperar a liberdade. Pelo menos, até então conseguira desnoitar o mais inteligente dos súditos de Hitler...

Entretanto, a desapareição do jovem oficial das tropas de ocupação preocupava seriamente

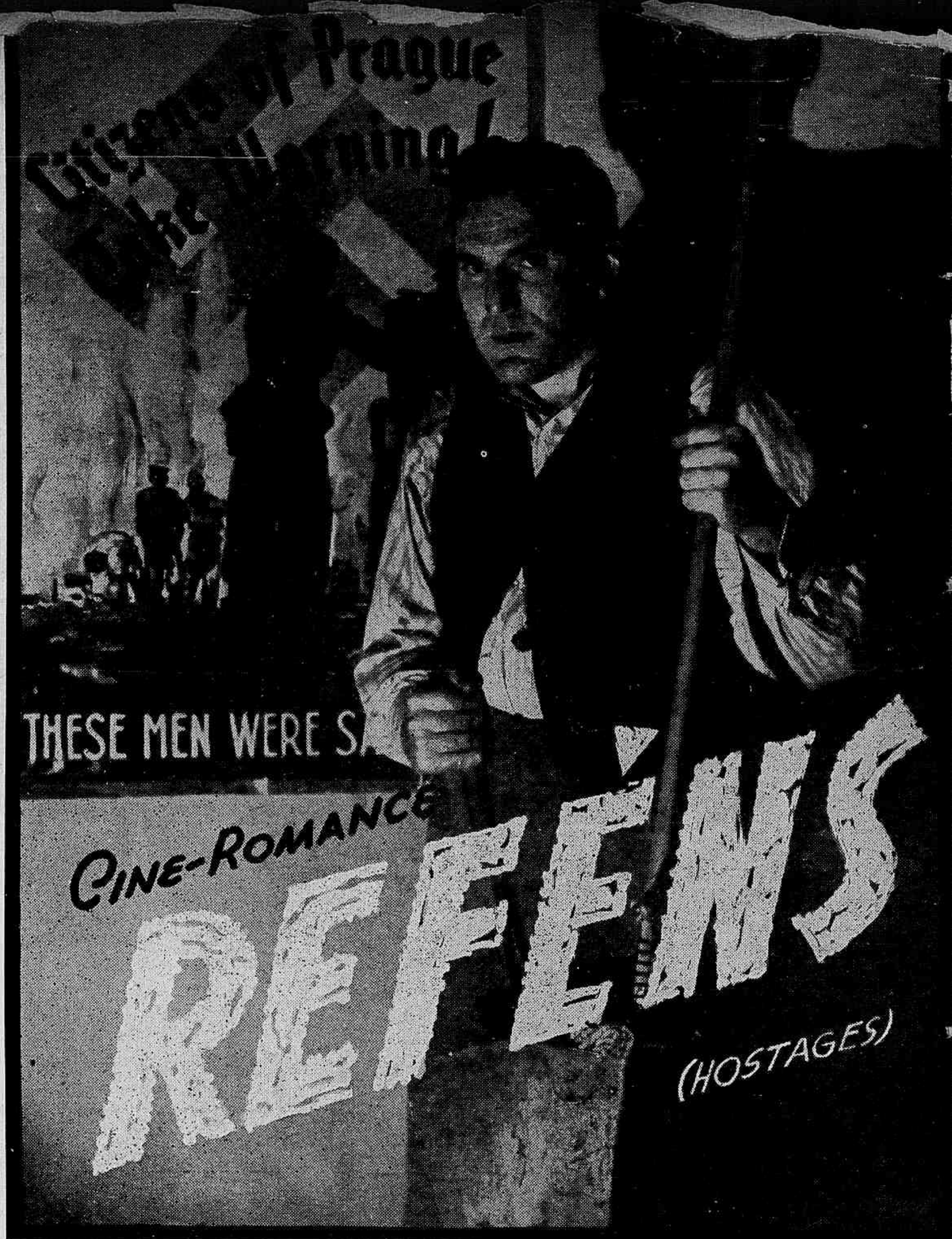
o comissário Reinhardt. Depois de ter folheado o "dossier" da vítima, inteirando-se dos dados pessoais do primeiro-tenente Erich Glasenapp — nascido em Mogúncia; estudos filológicos na Universidade de Colônia; Serviços na Tchecoslováquia, Polônia, Noruega e França, exclusivamente no exército de ocupação, pois possuía vista fraca e pés chatos que o impediam de ser um oficial combatente, etc. — Reinhardt leu várias vezes a carta inacabada que o militar deixara, na qual o mesmo, dirigindo-se a certa mulher chamada Milada, dizia-lhe "ter chegado ao auge do desespero, para escrever-lhe depois de tudo o que se passara". Afirmava-lhe ter agido na melhor das intenções, porém, nada poderia fazer. "Como poderia restituí-lo à vida?". Terminava confessando "Agora tudo acabou-se".

O comissário compreendeu logo que Glasenapp suicidara-se. E isso não agradava a Reinhardt. Era preciso investigar quem era Milada, nome feminino tcheco, que revelava relações do oficial com alguma mulher do país ocupado, coisa contrária aos regulamentos militares; descobrir também "que teria havido" entre Erich e Milada; e, principalmente, descobrir quem era o homem que o tenente "não podia restituir à vida".

O comissário precisava "arranjar" uma solução para o caso, descobrindo Milada e fazendo-a falar. Provavelmente, Glasenapp, cansado de viver, atirara-se ao rio. Sim, não havia outra explicação, diante do depoimento que Janoshik prestara. E um suicídio era coisa comum, mas

incompatível com as tradições do exército alemão. O oficial nazista morre sempre com bravura. Praga não deveria saber que Glasenapp se matara. Era preciso transformar o seu momento de fraqueza num ato de vingança dos tchecos. E isso não seria difícil para o comissário, uma vez que todas as possíveis testemunhas do estado em que o tenente se encontrava quando descera ao sub-solo do Café Manes, estavam presas. Elas continuariam detidas — como "reféns". E se o "assassino" não aparecesse, seriam fuziladas. Reinhardt mandou imprimir cartazes prometendo "50 mil corôas" de recompensa a quem descobrisse o matador do tenente Glasenapp. Se dentro de uma semana não "aparecesse" o assassino, os reféns do Café Manes pagariam pela morte do oficial. E os cartazes foram colocados em todas as esquinas de Praga.

Depois, o comissário pediu a Gruber a relação dos reféns e quando este entregou-lhe a lista, deu-lhe uma informação importante sobre um dos presos. Tratava-se de Lev Preissinger, diretor-gerente do Sindicato Hulheiro da Boêmia e Morávia. O homem era um leal colaboracionista do Terceiro Reich e possuía amigos em Berlim. Fôra o diabo a sua detenção! — pensava Reinhardt. Entretanto, depois que o erro havia sido cometido, não era possível repará-lo pondo Preissinger em liberdade. Isso seria perigoso. Era um "caso" que devia ser exposto ao Protetor



da Boêmia, e Reinhardt não perdeu tempo, dirigindo-se imediatamente para o palácio de Sua Excelência "Herr" Heydrich.

Breda acompanhou-a até sua residência e quando se despediram, o rapaz deu-lhe seu endereço, fazendo-a decorá-lo e recomendando-lhe que só o procurasse em caso de absoluta necessidade.

O Protetor recebeu-o com a frieza que o caracterizava. E quando o comissário falou-lhe no assassinio do tenente Glasenapp, vendo que Reinhardt não tinha certeza do crime, ordenou-lhe que, se não conseguisse descobrir o culpado, desse uma lição que servisse de exemplo aos tchecos. O comissário informou-lhe que esse era o seu plano, pois havia prendido todas as pessoas que se encontravam no local do crime, demonstrando, porém, sua preocupação pelo refen Preissinger, diretor-gerente do Sindicato Hulheiro, cuja detenção fôra talvez uma imprudência, dados os seus serviços de colaboração à Alemanha e as relações amistosas que mantinha com Goering.

Heydrich, que o ouvia de fisionomia dura, não movendo sequer as pestanas, disse-lhe então que já havia recebido uma carta do Sindicato perguntando por seu diretor. De fato, Preissinger, apesar de ter sido ministro num dos governos da Tchecoslováquia, era um leal colaborador da causa alemã. Antes da ocupação do país fôra alto funcionário do Sindicato Tcheco de Carvão, que então estava em poder dos judeus. Quando a Tchecoslováquia foi invadida, adquiriu ações da empresa, ficando com a maioria de votos. Os nazistas protegeram-no porque sabiam-no homem de sua confiança. Sua reputação ficara primada quando, certa vez, o governo discutiu em Conselho se o país devia ou não aceitar o pacto de Munich. Fôra Preissinger quem dera o voto decisivo, e num discurso, explicando a sua atitude, afirmara que era preferível a Tchecoslováquia ser governada pelos nazistas a cair nas mãos do Exército Vermelho. Mas isso não queria dizer nada, pois em vista das enormes encomendas que o Terceiro Reich fazia ao Sindicato, deixando-lhe grandes lucros, era justo que o dinheiro que Preissinger ganhava passasse para o bolso de alemães autênticos... E o comissário respirou aliviado. Estava contente por agradecer ao Protetor e prestar um grande serviço à Alemanha hitlerista. Além disso, Heydrich prometera recompensá-lo regamente se fizesse o serviço bem feito.

O comissário Reinhardt continuava empenhado em descobrir quem era a misteriosa Milada, a mulher que deveria saber o motivo do suicidio do tenente Glasenapp. Chama o capitão Patzer, o oficial imediatamente superior ao morto, para interrogá-lo sobre a "última vítima dos patriotas". Mas Patzer pouco ou nada sabia da vida particular do tenente. Entretanto, o comissário não se deu por satisfeito com a resposta do capitão e perguntou-lhe se não conhecia uma mulher na vida do seu camarada, pois estava certo de que essa mulher existira e não acreditava que o tenente escondesse o fato a um amigo como o capitão Patzer. E de tal forma falou ao capitão, afirmando-lhe que a Gestapo contava com a sua ajuda valiosa para levantar o véu que encobria a estranha morte do tenente, que Patzer fez um esforço de memória e terminou por fornecer-lhe uma pista. Sim, certo dia ele e o tenente passavam por uma igreja, situada próxima da Praça Venceslau e Glasenapp o deixara, dizendo-lhe que "ia visitar uma pessoa que conhecia por ali". Reinhardt tirou rapidamente da gaveta de sua secretária um mapa de Praga e procurou com o dedo tratado por manicura a igreja que ficava mais próxima da praça. Encontrou a igreja de Santo Estevão. O capitão Patzer, depois de pensar um pouco, afirmou que era essa a igreja. O comissário tinha finalmente a pista, há tanto procurada. E com um "muito obrigado, capitão, o sr. acaba de prestar um ótimo serviço à Gestapo", despediu o oficial.

O próprio Reinhardt, só e à paisana, dirigiu-se para uma pequena rua nas imediações da igreja de Santo Estevão, depois de ter localizado, por intermédio de um de seus agentes — o famoso "homem invisível" — a casa onde Milada residia. Lá conheceu a viúva de um herói da Galícia e foi logo perguntando-lhe quando fôra

que o tenente Glasenapp ali estivera pela última vez. A velha surpreendeu-se com aquele "pela última vez" e, compreendendo que o tenente morrera, disse que "bem sabia que aquilo ia terminar mal, pois o falecido não se parecia com os outros nazistas". O comissário fingiu não ouvir a indireta e perguntou à mulher se o tenente tivera alguma discussão com a pequena, mas a resposta foi que a senhoria "não tinha o costume de escutar às portas". Reinhardt ia repetir a pergunta ameaçando a velha, quando a porta abriu-se e Milada entrou.

A moça olhou-o com receio, adivinhando instintivamente que tinha diante dela alguém da Gestapo. E viu confirmado seu pressentimento quando Reinhardt declarou sua identidade — comissário da polícia secreta do Reich. Milada não era a pequena que Reinhardt imaginava. Viu logo que tratava com uma mulher inteligente e que lhe não seria fácil arrancar-lhe o que desejava. A senhora retirou-se, deixando os dois a sós.

O comissário começou por elogiar o bom gosto do tenente, tentando agradar Milada, mas esta mostrou-se indiferente ao elogio, o que levou Reinhardt a entrar decisivamente no assunto. Perguntou-lhe, primeiro, se Glasenapp ali estivera na quinta-feira passada. A moça não respondeu à pergunta. Disse apenas que o tenente fôra muito bom para ela. Apesar de nazista, fize-se seu amigo sincero.

O comissário limitou-se a sorrir com a indireta e continuou o interrogatório. Queria saber como se dera o conhecimento de ambos. Milada respondeu que havia conhecido o tenente nas ruas de Praga. Depois ele passara a visitá-la. E quando ela estivera doente, Glasenapp emprestara-lhe dinheiro. Sofrera um choque quando, por intermédio dos cartazes oferecendo valiosa recompensa pelo matador do oficial, soube que o mesmo havia sido "assassinado".

Reinhardt fez-lhe ver que "sabia" ter havido uma discussão entre a moça e o oficial. Queria saber porque discutiram. Tentou desorientá-la afirmando-lhe que a Gestapo sabia "que ela, na realidade, não gostava do tenente".

Então, Milada, corajosamente, desmascarou

O comissário prometeu voltar a visitá-la.

O tempo ia passando e o "assassino" de Glasenapp não aparecia.

Enquanto isso, a fábrica de armamentos Kolbenka trabalhava dia e noite, produzindo armas para os alemães e aumentando o ódio dos tchecos ao invasor. Milada Markova e Breda trabalhavam ali, vigiados, como tantos outros tchecos, pelos espões da Gestapo, que apesar de astuciosos não conseguiam disfarçar sua verdadeira identidade na fábrica. Naquele dia, à hora da saída da turma diurna, Milada e Breda leram a proclamação do comissário e o rapaz lembrou-se de que Janoshik devia estar entre os refens, condenados sumariamente. Quem iria, então, passar o endereço aos carregadores do cáis?

Quando saíram dali Milada e Breda foram dar um passeio no parque e o rapaz confiou à moça a sua apreensão em torno da prisão de Janoshik. Sim, ele deveria estar preso. Então, Milada contou-lhe que Glasenapp não fôra assassinado. Tinha certeza disso! Conhecera o tenente por ocasião da ocupação da Universidade. Os estudantes resistiram às tropas de assalto e muitos deles foram mortos. Glasenapp comandava um dos pelotões. Uma das vítimas fôra o seu namorado Pavel. E o tenente a salvara, levando-a ferida nos braços até encontrar um taxi para conduzi-la à sua casa. Glasenapp era um nazista diferente. Durante um mês, ele forneceu dinheiro para o tratamento da pequena e acabou apaixonando-se por ela. E quando Milada lhe perguntava por Pavel, ele para consolá-la, dizia-lhe que o rapaz estava vivo, embora prisioneiro da Gestapo. Entretanto, um dia, por intermédio de um amigo, ela soube da verdade. E quando Glasenapp foi vê-la, ela recusou recebê-lo. O tenente porém, tentou explicar que mentira apenas para não fazê-la sofrer. E confessou-lhe o seu amor imenso. Mas, a moça não o perdoou. Desde então, o oficial entregou-se à bebida e acabou suicidando-se.





Breda e Milada.

o comissário. Ele bem sabia que Glasenapp suicidara-se. Por que não a prendia logo? A pequena estava certa de que a Gestapo ignorava as atividades de Breda, e a missão que este tinha a cumprir era o que interessava à Pátria. Breda vingaria a sua morte, a de Pavel e dos refens inocentes. Por isso arriscou, confirmando que, de fato, nunca se interessara sinceramente por Glasenapp. Mas, o comissário não se deu por vencido. De nada lhe adiantaria prender Milada. Procurou intimidá-la com uma acusação direta, dizendo-lhe que ela conhecera o tenente durante a ocupação da Universidade. Pavel, o seu namorado, fora morto, e o tenente quizerá tomar o lugar dele no coração da patriota. Por isso, a salvara, acabando por pagar com a vida tudo o que fizera por Milada. Ela o matara deliberadamente!

Nem assim a pequena modificou sua atitude. Disse-lhe apenas que não matara o tenente e o comissário podia prendê-la se quizesse. Mas não era isso o que Reinhardt queria. Estendeu, então, a mão à pequena, despedindo-se dela, dizendo "esperar que as relações entre ambos continuassem muito cordiais"... Prometeu-lhe voltar a visitá-la. E saiu, deixando Milada como que narcotizada. Nada conseguira da primeira vez, mas a pequena não sabia se conseguiria conservar aquela presença de espírito extraordinária com que enfrentara o manhoso comissário de Hitler, na próxima visita que ele lhe fizesse...

Na prisão, Janoshik não pensava em outra coisa senão no endereço que Breda lhe dera e que devia transmitir aos carregadores do cáis incumbidos da destruição das barcas de munições. Como poderia ele deixar agora o endereço no armário de remédios do porão? Tanto pensou que acabou imaginando um meio de ir ao Café Manes. Quem sabe se não poderia arranjar uma ida ao porão, acompanhado de guardas, se fizesse ao comissário de uma certa carta, imaginária já se vê, que o tenente Glasenapp lhe havia dado para pôr no correio e que ele não chegara a fazê-lo por ter sido detido com os

demais refens? E como se o destino quizesse ajudá-lo, pouco depois Janoshik foi conduzido para o gabinete de Reinhardt, que queria interrogar pessoalmente os refens. O primeiro a ser levado à presença do comissário foi justamente o humilde zelador do sub-solo do Café. E Janoshik foi logo dizendo, com aquele seu jeito de homem inocente, incapaz de matar uma mosca, que "tinha um detalhe importante a confessar a vossa excelência o sr. comissário". Disse que por ocasião de sua prisão, tinha em seu poder quatro corôas e quarenta "heller" que o tenente Glasenapp lhe confiara para pôr uma carta no correio e os guardas haviam-lhe tirado aquele dinheiro "que não era seu". Ao ouvir falar numa "carta para ser posta no correio", Reinhardt criou alma nova. Olhou demoradamente para Janoshik. Ou muito se enganava, ou aquele homem estava falando a verdade. Janoshik, embora fosse um dos "leaders" do movimento subterrâneo tcheco, com sua aparência de sujeito simplório era capaz de enganar o próprio "Enforcador", famoso por sua habilidade em ler o pensamento dos inimigos disfarçados do Reich. O comissário perguntou que espécie de carta era aquela, admirado do tenente entregar ao zelador "quatro corôas". Vendo que Reinhardt "mordera a isca", Janoshik, sem modificar a fisionomia inocente com que mascarava a sua verdadeira identidade, disse que não sabia. Não era indiscreto como tantos outros. E doía-lhe na consciência ter sido preso sem poder ter posto a missiva no correio, lembrando-se quanto o tenente lhe recomendara que encaminhasse a carta ao correio, frizando que o fizesse "com urgência", pois tratava-se de "assunto importante". Na confusão que se seguiu à chegada dos soldados da "SS", perdera a missiva.

Não seria possível o comissário permitir-lhe ir ao Café, acompanhado de guardas, procurar a carta? Reinhardt, longe de imaginar que aquilo era um "truc" de Janoshik para ir ao porão do Café colocar no armário o endereço dado por Breda para os carregadores do cáis, acabou concordando com a sugestão. E Janoshik antevia a sua vitória sobre a poderosa Gestapo...

Enquanto isso, Milada estava preocupada em avisar Breda de que já caíra nas malhas de Reinhardt. Ele lhe dissera que só o procurasse em caso de absoluta necessidade e ela precisava avisá-lo de que corria perigo. Tratou portanto de dirigir-se para a sua residência. Sabia que estava sendo vigiada e alguém a acompanharia. Saiu pela porta dos fundos mas, nem assim, conseguiu enganar o agente de Reinhardt. Ele a seguiu e viu-a entrar na casa de apartamentos em que morava Breda. E ficou de guarda ao quarteirão.

O rapaz recebeu a moça com alegria; entretanto, quando ela lhe contou o que lhe acontecera, Breda ficou apreensivo. Só então descobriu que a amava. E como único meio de protegê-la, resolveu lançar mão de um plano muito perigoso que vinha arquitetando há vários dias, para salvar os refens. Revelou-lhe que possuía um amigo na emissora de Praga. Com o auxílio dele poderiam fazer uma irradiação clandestina, denunciando o plano infame da Gestapo, de fuzilar os refens de um atentado que não fôra praticado contra um oficial alemão.

A Gestapo seria desmascarada perante o país inteiro. Milada ficou radiante, mas ao mesmo tempo tremeu de medo. A missão salvaria muitos inocentes, mas custaria talvez a vida do seu amado. Os alemães já lhe haviam arrebatado Pavel e não queria perder Breda... Mas o rapaz encorajou-a. Era preciso arriscar! A pátria estava acima de tudo. Ademais a emissão seria feita em gravação. E o seu amigo da estação de rádio estava disposto a sacrificar-se pelos demais membros da "underground" tcheca. O técnico da emissora ficara entusiasmado com a idéia e só aguardava ordens de Breda. Agora chegara o momento para executar a irradiação que informaria a milhões de tchecos do suicídio do tenente Glasenapp, que o comissário Reinhardt julgara abafar, detendo todas as pessoas que haviam visto o tenente, pouco antes do seu suicídio no Café.

No sub-solo do Café, Janoshik, acompanhado dos guardas, fingia procurar a carta imaginária que o tenente lhe entregara para pôr no correio. E fê-lo com tal mestria que os soldados estavam convencidos de que a tal carta fôra mesmo perdida naquele amontoado de coisas velhas que enchiam o porão. Era preciso, porém, colocar no armário dos remédios o papelinho em que Janoshik escrevera na prisão, o endereço dado por Breda e do qual dependia a destruição das barcas de material bélico. Ele conseguiu tirar o papel do bolso sem ser visto pelos soldados, mas quando ia colocá-lo no armário, os guardas o apanharam. Quizeram saber o que era aquilo. Janoshik explicou que era o endereço de um médico de doenças secretas. Tudo parecia estar perdido, mas a ingenuidade do prisioneiro era tão convincente que o "truc" surtiu efeito. E os próprios alemães encarregaram-se de deixar o bilhete bem marcado para a pessoa que devia procurá-lo, amarrando-o em forma de bola e atirando-o ao chão num ponto em que o mesmo ficou isolado, chamando a atenção do patriota inteligente ao qual se destinava... E Janoshik continuou a busca, enquanto a paciência dos guardas não ficou esgotada. Eles acabaram convencidos de que o ex-zelador do porão representara uma farsa. Levaram Janoshik aos empurros para o carro dos presos. O patriota, porém, ia contente. Podiam agora fazer-lhe o que quizessem. Sua missão fôra cumprida. O exército alemão não usaria as armas e munições que chegariam nos batelões.

No lado oposto da rua, Janoshik pôde ver a sombra do estivador ao qual se destinava o endereço do "doutor das doenças secretas"...

Aproximava-se o dia da execução dos refens, e Reinhardt antevia com volúpia, o pelotão de fuzilamento e a cena final do drama que ele inteligentemente havia encenado, com o apoio do Protetor. Mandara trazer Milada ao seu gabinete. A moça fôra presa acusada de responsável pela morte do espião que a seguia como sua sombra, desde a noite do seu encontro com Breda no apartamento do rapaz. O comissário não acreditava que ela tivesse morto o seu

agente. O crime fora obra do patriota com o qual a pequena se encontrara naquela noite. Quem era ele? — queria saber Reinhardt. Mais uma vez o comissário tentou inutilmente desorientar Milada. Nada conseguiu. Prometeu-lhe bom tratamento, luxo, conforto, e acabou abraçando-a contra a parede, dando curso ao seu instinto bestial. Milada perdeu a consciência.

Esquecido do seu dever, Reinhardt só pensava agora na mulher encantadora que não conseguira dominar, mesmo depois de maltratá-la. Quando a pequena voltou a si, o comissário estava ao seu lado com dois copos e uma garrafa de champagne. Insistiu para que ela bebesse e sugeriu que um pouco de música não faria mal, ligando o aparelho de rádio. Ouviu-se então as notas da "Hohenfriedberger Marsch" e pouco depois um anúncio do locutor. Era a hora das notícias. O que então saiu do aparelho receptor foi algo de extraordinário para a infeliz Milada, iluminando-lhe o rosto com um sorriso que devia também estar estampado, naquele mesmo instante, na fisionomia de milhões de tchecos. Milada reconheceu a voz do patriota que falava — era Breda! Ele se dirigia aos seus compatriotas, revelando-lhes que no dia seguinte a Gestapo ia fuzilar vinte reféns, como responsáveis pelo suicídio do tenente Erich Glasenapp.

Reinhardt perdeu o controle. Compreendeu que todo o seu plano tinha ido por água abaixo! Correu como um louco ao telefone, mas não conseguiu articular palavra. E olhando-o, orgulhosa da proeza de Breda, Milada parecia dizer-lhe que a sua vingança chegara exatamente na hora da sua humilhação suprema. Quando a irradiação terminou, Reinhardt, procurando disfarçar o seu desespero — sabia que o Protetor seria implacável com ele — dirigiu um sorriso forçado à moça, dizendo-lhe que aquilo em nada adiantava para os reféns. Eles seriam passados pelas armas no dia seguinte! E, de fato, aqueles inocentes foram sacrificados, num último esforço do comissário, tentando reabilitar-se perante Heydrich. Milada foi obrigada por Reinhardt a assistir de seu gabinete ao fuzilamento. Todos eles morreram com dignidade, e Janoshik, no momento extremo, com uma voz que não parecia a do humilde zelador do sub-solo do Café Manes, repetiu o grito com que séculos atrás morrera João Huss, o precursor da liberdade tcheca — "Pravda Vitezil!" (A verdade vencerá!). No mesmo momento, como se fosse um eco tremendo



Reinhardt "mordera a isca"...

das descargas do pelotão de fuzilamento, do lado do rio Moldau, ouviu-se o estrondo da explosão dos batelões de material bélico para os nazistas, que os patriotas haviam feito ir pelos ares. As explosões sucediam-se, abalando a própria sede da Gestapo, na qual estabeleceu-se pânico. E quando os estrondos terminaram e Reinhardt le-

vantou-se do chão procurando Milada, a jovem patriota havia desaparecido.

O comissário, desmoralizado pela "underground", caiu na desgraça do Protetor. Foi demitido e transferido para a frente oriental...

Swing-Fan

CORRESPONDENCIA

(Continuação da página 16)

FAN DO SWING (São Paulo) — Já lhe enviamos pelo correio as letras de *I've Got A Gal In Kalamazoo*, e *Serenade In Blue*. Pedimos-lhe que doravante, envie seus pedidos para serem satisfeitos por intermédio d'A CENA MUDA, pois ser-nos-ia impossível atender a todos particularmente. Disponha.

ANALDIR DE OLIVEIRA (Niterói) — Nos números 23, 21, e 51 respectivamente, você encontrará as letras de *I've Got A Gal In Kalamazoo*, *White Christmas*, e *When You Wore A Tulip*. Dick Farney apresenta-se ao microfone da Mayrink às terças e sextas, às 18 horas. E não faça cerimônia, Analdir...

ESCOLA REMINGTON
DATILOGRAFIA
TAQUIGRAFIA
RUA 7 DE SETEMBRO,
59 — RIO.

Não deixe que
O SOL e a ÁGUA SALGADA
roubem a beleza de seus olhos!

Se os seus olhos se ressentem do contacto da água salgada ou da luminosidade excessiva da praia, use Lavolho. Sentirá uma agradável sensação de bem estar e manterá inalterada a beleza de seu olhar. Lavolho não arde, clareia e beneficia os olhos. Use-o sempre!



LAVOLHO
CLAREIA OS OLHOS

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Poco saviar-me prospectos:
NOME: _____
ENDEREÇO: _____

CASA DULCE

A LIDER DO COMERCIO
DE MADUREIRA

Já foi o tempo, em que os moradores dos suburbios cariocas, quando necessitavam fazer suas compras, não só de artigos comuns como também de artigos finos e principalmente presentes para as festas de Natal Ano Bom, dirigiam-se aos estabelecimentos comerciais do centro da cidade. No entanto, hoje em dia, a situação transformou-se de maneira radical, devido principalmente ao esforço incansável dos comerciantes da zona norte da cidade, que, sem olhar sacrifícios de



qualquer especie, teem trabalhado para levar às populações das progressistas localidades servidas pelas nossas linhas ferreas, as mesmas vantagens oferecidas pelos logistas das principais arterias de nossa metropole.

Madureira, no conjunto dos suburbios da Cidade Maravilhosa, é de justiça destacar o labor de eficiencia impar dos seus comerciantes.

Haja visto o desenvolvimento alcançado pela Casa Dulce, considerada de modo incontestavel, "A Lider de Madureira" no comercio de sedas, camisas, perfumaria, e armarinho, com a especialidade de



Enxovais para noivas e batizados e outrossim, com fazendas, voiles, sedas, meias, gravatas, colchas, etc.

Na presente oportunidade das festas, a firma Jorge Primo & Cia., como um agradecimento pela preferencia dos seus amigos e fregueses dará uma borifcação de 10% a todo o cliente que apresentar este anuncio ao efetuar suas compras na Casa Dulce, à Estrada Marechal Rangel, 69 — Madureira.

A VISO

O filme "E' proibido sonhar", da ATLANTIDA, será estreado dia 13 do corrente no cinema São Luiz e outros da Cia. Brasileira de Cinemas.

O REI E A RAINHA DO CINEMA EM 1942

Duas tricromias de Greer Garson e James Cagney eleitos pela Academia de Artes e Ciencias Cinematográficas de Hollywood, alem de 14 contos ilustrados (políciais e de amor), calendarios, informações sobre o ano novo, conselhos praticos de interesse para a mulher e para o homem — na grande edição do

ALMANAQUE EU SEU TUDO PARA 1944

Preço: oito cruzeiros em todo o Brasil — Pedidos mediante vale postal ou pelo reembolso á

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
MARANGUAPE, 15 — RIO.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FÍGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GÜRAMIDINA

O decano dos atores

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 13)

de aprender primeiro o espanhol, como para conhecer os indios aprendeu o Navajo.

— Sem conhecer o idioma não adianta conhecer o estrangeiro! — diz o grande artista. — E' por isso que muita gente que nos visita, não chega a compreender-nos.

Carey já filmou mais de duzentas películas das quaes setenta e tantas importantes, entre elas *A mina do mendigo*, *Sentimentos humanos*, *Alma independente*, *Purificação*, *Uma contenda de amor*, *Loteria matrimonial*, *A recompensa*, *Um pingo de sangue*, *Os três cavaleiros*, *Por mão de mestre*, *Quando se ama*, *O Reino*

venturoso e *A Rosa do Paraíso*, nos bons tempos da Universal. Naquela época, trabalhou no seu primeiro seriado, o famoso *Suborno*, o único celucide do genero que interpretou no silencioso. Apareceu, entretanto, em três séries faladas da extinta Mascot, *Devil Horse*, *O último dos Moicanos* e *Legião do Centauro*, nesta última com Edwina Booth sua companheira de *Trader Horn*. Este filme, *A mulher faz o homem* e *O morro dos máus espiritos*, fazem parte dos seus trabalhos prediletos.

Harry pensa continuar trabalhando ainda por algum tempo. Depois, retirar-se-á para escrever a sua biografia e cuidar da sua criação de gado, abandonando o cinema... A menos que lhe ofereçam um bom papel e não possa resistir à tentação de interpretá-lo...

— Ou se lhe oferecerem a Vice-Presidência da República e, como consequência, a Presidência do Senado, que já exerceu naquele filme de Capra com James Stewart e Jean Arthur... — sugerimos.

— Política? Jámais ingressarei nela! — contesta o artista, dando uma gargalhada.

— Rancho, vacas, repouso e talvez — quem sabe? — um atelier de obras de arte dos Navajos, tendo um indio como mestre, é o que ambiciono!

Porém, quando isso acontecer, aparecerão outros bons papeis cinematográficos, para tentar Harry Carey, a quem provavelmente continuaremos vendo na tela com aquele seu cacôete de coçar o queixo com o dedo polegar (o que nos velhos tempos fazia com o cabo do revolver...) até ficarmos velhos...



Os turbantes não passaram de moda, pois até as "estrêlas" que jamais pensavam usa-los, agora os exibem, nos filmes ou na vida real. Lucille Ball fica realmente simpática com esse turbante bem arrumado e de efeito sugestivo. Donna Reed, por sua vez, mos-

tra-nos um casaco em estampado vistoso, próprio para as férias na montanha, em pleno campo. Tanto pode ser confeccionado em lã, como em tecido mais leve e aconselhável para um clima temperado.

Um turbante e um casaco



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

